

Protocolo Kudzu

ENQUANTO O HOMEM observava o pano verde da mesa de sinuca e via que tinha uma boa chance de colocar a bola quatro, registrava com o canto de seu olho direito o jovem sentado no bar conversando com a outra metade depois de duas semanas de poucas palavras e muitos gritos no alto da noite. Dizem que se você aumentar a temperatura de pouco em pouco, é possível cozinhá um sapo sem ele perceber, porém o garoto fora exposto a tudo aquela loucura num curtíssimo espaço de tempo e estava pagando o preço pulando escaldado dentro de sua própria cabeça.

“Essa merda não é para qualquer um” resmungou Miller, fazendo o homem ao seu lado com uma gravata vermelha devolver-lhe um olhar de desprezo.

O jovem McKinney, que ainda exibia alguns arranhões no rosto, mexia no guarda-chuvinha de seu *drink* enquanto flertava sonolentamente com a garota em seu lado, observando o rosto dela e seu cabelo liso com os olhos cansados

(as coisas irão mudar agora verme do inferno)

enquanto sua mente roçava por seus horrores como um gato sorrateiro entre suas pernas. Suas próprias palavras. Nada inventado, tudo real. Na noite passada, em um de seus muitos pesadelos acordou abraçando seus joelhos respirando freneticamente. Em todas às vezes, percebeu que o homem estava lá, sempre a lhe observar pelo vão iluminado da porta.

Seus olhos saiam da morena sem nome e voltavam aos peixes em um aquário atrás do barman, o que lhe dava a estranha e difusa sensação de estar em duas épocas ao mesmo tempo.

Em sua outra vida, ele era apenas um menino...

2

“Não vão muito longe, suas pestes!”

Após o grito, Lilly observou com uma careta os meninos saírem correndo enquanto aprumou-se na cadeira do restaurante em sua versão *high society* de tia babá. Em um espelhinho revisava seu batom vermelho e com certa impaciência olhava por todos os lados. Aguardava alguém interessante; o que em outras palavras significava ser rico e com um bom papo para entreter-lhe durante a tarde.

Completamente alienados a isto e sentados à frente do enorme tanque, os garotos observavam com atenção o movimento dos peixes. John e Ben McKinney tinham doze e dez anos, e em 1954 a atração mais badalada de sua cidade era no Aquarium, particularmente o coral de recifes. Gostavam de dar nomes aos peixes grandões como *Bob-feio* ou *Chukie-dentinho*. Ben estava com um pequeno corte em sua testa, e em baixo de sua camisa um hematoma roxo do tamanho de uma maçã, que era o resultado de uma briga que tivera com *Roger-comedor-de-bosta*, um gordo brigão da turma 701 que no passeio da escola teve a infelicidade de escorregar e cair de cara em cima de placa ainda mole de esterco. Ele não se lembrava mais o que tinha originado a briga, mas sabia que caras como Roger

precisavam de meninos como ele para manter seu status de encrenqueiro. John apontou para um peixe azul e laranja que dançava em sua frente, enquanto o outro menino desenhava no vidro o círculo da boca do peixe que abria e fechava.

O menino tinha sua outra mão no bolso, e um dos seus tênis estava com os cadarços soltos. Os cabelos, que antes teriam resistido bravamente ao pente, agora estavam bem apertados com gel, no estilo *a-vaca-lambeu* que John sempre lembrava e que fazia Benjamim contorcer-se de rir.

“Amarra o tênis, Ben.”

John era o irmão mais velho e encarava com naturalidade seu *status quo*.

“Como está sua barriga, dói ainda?”

Ben cerrou um pouco seus olhos.

“Não, mas eu *tô* com muita raiva, muita mesmo!”

John falou com um sorriso nos lábios.

“Puxe a calça dele na frente da turma. Humilhação é muito mais eficiente que socos na cara.”

Os dois ficaram quietos e por um tempo apenas observando o espetáculo em sua frente, onde os reflexos das luzes riscavam pequenas linhas dançantes de luz em seus corpos de criança no escuro. Definitivamente havia algo a mais no recife; algo que ia além das pedras e dos peixes. Em exposição, a beleza e a riqueza do coral onde as atrações principais Bob e Chuckie (em carreira brilhante) não teriam outras coisas a pensar a não ser manter o show — tal como sua tia Lilly o faria até pedir seu último par de dentaduras.

Ben pesou sua cabeça na outra mão, e falou um tanto cansado, com a boca meio torta e de seu peculiar jeito menino tonto.

“Baixar as calças não é mesma coisa; além de ser *péssimo* pra minha carreira.”

“Se você lutar, adicione um nariz quebrado na sua lista. Aquele retardado já repetiu o ano e come todas as manhãs como se fosse o último dia de sua vida de comedor de bosta. Provavelmente têm uns dez quilos a mais que você.”

Os dois se entreolharam automaticamente mudando da raiva para um princípio de risada quando Ben apontou o dedo para seu irmão.

“Dez quilos de *bosta*?”

Em meio às risadas infantis dos dois, Jonh puxou o braço dele para trás e lhe dando uns cascudos em uma brincadeira amistosa. Pouco tempo depois eles já estavam caminhando pela galeria de tanques. O banheiro externo ficava logo por ali e John disse que já voltava. Ao ar livre, perto da saída do aquário, existia uma fonte de água em forma de golfinho onde Ben ficou sentado olhando o movimento.

**

Ben começou a se inquietar depois de tomar dois sorvetes bem devagarzinho e nada de seu irmão voltar. Sentado ainda no mesmo lugar, sua paciência de criança tinha atingido o limite e algo como um nó em sua garganta já incomodava. Por fim, o garoto levantou-se e foi correndo até a entrada do banheiro.

A construção era extremamente rústica, de tijolos à vista e não tinha nem ao menos telhado, como se tivesse sido feita de improviso ou em reforma, pois as telhas estavam largadas na frente. No outro lado e em frente à calha onde os adultos urinavam, haviam seis portas onde se podia ter um pouco mais de privacidade.

“Johnny... você tá demorando demais!” sussurrou o menino.

Ben dirigiu-se à primeira porta, estranhando o fato de não ter ouvido ainda nenhuma reclamação ou xingamento em resposta. O cheiro de urina era muito forte fazendo o menino torcer o nariz, e a sensação de desconforto aumentou quando abriu a primeira porta e não havia ninguém lá.

“Já chega cara. Muito sem graça.”

Benjamim tinha ficado todo o tempo sentado na frente do banheiro e não desviara seu olhar uma vez. Aquilo era uma agonia em suas idéias. Detestava quando os outros lhe faziam de bobo, mas aquilo já tinha passado demais da conta. Ben foi abrindo as próximas duas portas rapidamente e encontrando nada além de privadas vazias. Ao chegar à última, falou em um murmúrio tentando conter sua aflição.

“Vou baixar as suas calças, mano...”

Um choro desesperado e instantâneo veio quando ao abrir a última porta não viu nada além de um vaso quebrado e restos de porcelana no chão imundo. Ben correu dali e parou na frente da fonte com seus cabelos eriçados sentindo uma dor imensa na barriga, subindo e descendo. Suor avançava por toda sua testa e pescoço.

Nunca os dois tinham se separado.

Uma hora se passou. Sentado ainda na fonte, Ben olhava furiosamente para a entrada do banheiro em um transe hipnótico. Ainda não tinha chamado sua tia e de uma maneira obsessiva falava rapidamente baixinho em uma voz rouca que quase não parecia mais ser de uma criança.

“Ele vai sair dali. Agora. Nesse momento... Ele vai sair. Por favor, sai daí cara!”

O céu tinha ficado nublado na última meia hora e agora algumas gotas frias caíam marcando o chão de concreto. O menino continuava sua oração cada vez mais rápido. Um grande trovão fez o local tremer e enfim a chuva chegou forte causando-lhe arrepios com suas gotas frias.

Poucos momentos depois, ele apertou seus olhos quando observou que de forma muito estranha no banheiro a água da chuva não caía mais, enquanto perto de si grandes poças de água iam se acumulando. De olhos esbugalhados, levantou-se deixando seus braços resvalarem lentamente ao longo do corpo.

John saiu do banheiro como um fantasma.

De cabelo molhado e mancando bastante de sua perna direita, o menino lentamente se desloca em direção à Ben, que nem respira tamanha é sua comoção. Tal como se uma proteção invisível fosse tirada, o banheiro voltou a receber imediatamente a água torrencial da chuva. A brusca queda de água fez com que Ben acreditasse em seus olhos.

“JOHNNY!”

Ben correu até seu irmão e quando o envolveu em seus braços, passou a servir de apoio, pois John perdera a força em

suas pernas. A montanha de perguntas de Ben esvaiu-se diante dos olhos cansados de seu irmão, que exibia olheiras muito evidentes. Os dois foram caminhando sofregamente de volta para o corredor seco do aquário, onde adultos ao seu redor perguntavam onde estaria a mãe daqueles dois meninos. Enquanto eles sumiam por ali, um segurança notou uma ferida vermelha na nuca de John do tamanho de uma inflamada picada de vespa.

2

Depois de duas décadas de serviço na polícia, Chris Miller decidiu se aposentar. Por volta de 1968 e já passando de seus quarenta anos, não pensou duas vezes quando um amigo lhe ofereceu um novo trabalho de meio período para cuidar da segurança pessoal de um grupo da elite industrial de sua cidade.

Miller tinha apenas um serviço: fazer aos filhos o que os pais não conseguiam, ou seja, impor limites. Gostava de sua nova versão de serviço público, com passe livre para dedos e narizes quebrados quando o assunto chegava eventualmente às drogas. Em pouco tempo conheceu todas as manhas e artifícios, estando sempre um movimento na frente. Mas, a maioria sempre tentava de novo. De tempos em tempos alguns desistiam; outros estavam sempre machucados. Essa era sua rotina até ser designado para trabalhar na casa da família Haggins, que nos últimos meses vinha sendo ameaçada de morte ao fechar mais uma concorrência na cidade.

Vestindo um terno apertado em sua barriga (que já começava a encher suas duas mãos), Miller guardava a porta da

casa de Karl Haggins, que naquele sábado provavelmente tomaria mais que as duas taças de vinho usuais de um dia de semana. Pelas risadas e tossidas, já empilhara meia dúzia. Com a porta da frente aberta, Chris e Jack Sanders, que desde os seus trinta anos ostentava uma cabeleira branca, começavam um sorriso. Na frente da casa, um grande *Benz* cinza aguardava em frente à esplendorosa entrada com um anjo de pedra em um pedestal, onde água caía de sua jarra.

“Sempre as mesmas piadas, mas o velho sabe contar direitinho.” disse Sanders.

Chris coçou embaixo de seu olho esquerdo depois de conferir as entradas e tocar sua arma em reflexo no coldre embaixo do terno, enquanto sua mente sempre a calcular o que faria se alguém entrasse com um caminhão derrubando o portão. Pensar assim passava o tempo. E tempo era um lugar perigoso se você tiver uma mente inquieta.

Entre o silêncio onde Karl erguia a taça aos lábios, Miller falou ao outro a seu lado.

“O garoto é decente. Muito inteligente.”

O clima na mesa onde todos estavam almoçando estava indo muito bem até que Karl depois de um grande gole levantou-se e chamou por todos.

“Jack, Chris. Venham até aqui, por favor.”

Os dois se olharam por um momento e depois fecharam a grande porta. Chegaram à mesa onde podiam ver uma refeição feita em casa, mas era como pedir o especial de um restaurante. Robert estava sentado ao lado direito de seu pai Karl, e Catherine, que estava chegando aos seus trinta e oito com muita desenvoltura começava a ruborizar-se ao lado de seu

marido. Tirou o cabelo do rosto enquanto seu marido colocava um braço em seu ombro.

“Gostaria de comunicar a todos que minha amada Catherine está esperando um irmãozinho para Robert.”

Após uma surpresa geral, Karl puxou-a para si e deu-lhe um beijo desajeitado na testa, enquanto os presentes ainda se olhavam em espanto.

Karl e sua esposa casaram quando ambos tinham menos de vinte anos e tiveram um bebê logo em seguida. De todos os que trabalharam com eles, é sabido que os dois nunca reclamaram um só dia. Haggins é notadamente uma pessoa eficaz em passar por desafios, pois recebera a fábrica de seu pai quase falida e dividida entre ele e seus outros quatros irmãos — estes que agora comiam e viviam em sua casa passados quase vinte anos de luta e de muitas escolhas difíceis.

Catherine abraçou seu marido envolta nas palmas de todos. Robert estava muito surpreso e emocionado. Naquela mesa para dez pessoas, ajuntaram-se agora os empregados vindos da cozinha em seus uniformes.

Miller recebeu a novidade como um leitor de jornal que passaria os olhos na página de dedicatórias. Um simples sorriso acompanhando tudo com suas mãos uma agarrada à outra, nunca saindo daquela posição clássica de segurança.

Sanders batia palmas um tanto excitado.

Miller respirou um pouco e ouviu no fundo da cabeça, como um disco velho, arranhado e sujo, seu pai o botar para fora da fazenda gritando

(Você acha que é melhor que nós, pirralho fodido?)

com o máximo de seus pulmões conseguiam. Com um toque no ombro feito por Jack e uma afirmativa de cabeça, Chris começou a bater palmas com discrição, em um quase sorriso amarelo.

Robert, com dezenove anos e cabelos cumpridos até os ombros, levantou sua taça até a de seu pai e falou muito divertidamente, brindando logo em seguida.

“Parabéns, mas não pense que vou dividir meu quarto.”

O almoço então voltou ao normal onde os talheres batiam na louça e Karl voltou a contar mais piadas. Chris conferiu com Sanders que estava programado à tarde uma ida ao clube e isso o deixou pouco à vontade. Lugares abertos eram difíceis de se controlar, mas de que adiantava todo o dinheiro para ficar trancado em casa?

3

Chris abriu a porta para o garoto entrar, já com sua roupa de tênis naquela tarde quente de julho. Sanders dirigia na frente o carro, enquanto os pais iam com outros seguranças no *Benz* cinza à frente.

No *walkie-talkie*, uma outra voz falou.

“Jack, podemos ir?”

“Sim. Mantenha quatro metros.”

Os carros começaram a se mover e depois do portão abrir, o garoto perguntou para Chris.

“Você nunca jogou tênis?”

Antes de a boca de Miller emitir algum som, Sanders falou com um sorriso engraçado.

“Se não termina em olho roxo, acho que Chris não aprecia, Sr. Haggins.”

Miller balançou sua cabeça colocando sua mão na testa, não acreditando que Sanders teria dito aquilo. O garoto riu um tanto desajeitado balançando seu corpo magricelos. *Ri como o pai*, pensou Miller em um meio sorriso cansado.

O menino olhou para eles e falou com muito entusiasmo.

“É um bom esporte. Poucas pessoas o conseguem jogar, no entanto. Talvez seja assim, pois na maioria das partidas quem ganha é o que erra menos, não que você jogou melhor. Quem gosta de jogar regularmente deve estar muito seguro de si.”

Para os dois seguranças, o silêncio a seguir preenchido apenas pelo silencioso e zombado levantar de sobrancelhas de Jack olhando Chris pelo retrovisor, comprovava que em uma única sentença o garoto falara algo que os dois nunca perceberiam em sua vida de carros, armas, socos e pontapés.

Miller olhou para o garoto esperto ao seu lado mostrando seus dentes em um sorriso franco. Ele mesmo não era muito de sorrir, mas Robert tinha aquele ar esperto e meio engraçado que deixava todo mundo à vontade. Por fim, falou com alguma convicção de quem já teria pensado um pouco sobre aquilo.

“Você quer dizer que se deve conviver em paz com seus erros para acertar as coisas?”

A afirmativa de cabeça em Robert confirmou o ponto para Miller. Chris podia ter sido criado na fazenda, mas passou pela provação daqueles que começam de novo com nada além da roupa do corpo. Começara sua nova vida na mesma idade do menino que ele agora protegeria do mesmo mundo que outrora vencerá.

“Sim, isso é tênis. Isso e também acertar uma boa paralela esquerda.”

Bom garoto pensou novamente Chris.

Quanto aos outros meninos, seu primeiro pé na vida adulta vinha junto com um bom chute nos bagos de seus pais. Drogas, roubos e até violências sexuais contra domésticas era um pouco da rotina que ele tinha de *corrigir o curso*, como ele dizia. Por vezes, sentia a ira de ir um pouco mais além, do jeito com que fora tratado na rua, com alguns daqueles meninos enjoados e entediados que nunca saberiam o que é uma verdadeira dificuldade. Na sua idade era entrar em um ringue por dinheiro onde tudo só terminava quando alguém caia desacordado. Em reflexo, apertou sua mão fortemente enquanto as casas nobres de quarteirão passavam rapidamente pela janela. Sanders falava novamente no rádio avisando o carro em frente para esperar e não avançar o sinal. Robert o olhava com olhos de adulto e com certeza notou a raiva contida enquanto Miller olhava pela rua um tanto pensativo.

“Há algo de errado?”

Miller tentou esboçar um sorriso de volta, mas o que conseguiu foi só um fuzilar em seu cenho e um pedido de desculpas.

**

Após um longo e indeterminado tempo usando uma venda nos olhos e sendo levado na mala de um carro, Ramirez finalmente caminha para uma sala, e logo após sentar-se em um banco de madeira lhe liberam das algemas. Depois de remover

a venda, ele vê que está em uma sala escura com um vulto em sua frente.

Alguma movimentação. Um arrastar de cadeiras, com alguns grunhidos. Ao fundo, um caminhão pisa no acelerador e a casa onde ele está treme.

“*O que está acontecendo?*” pergunta ele.

Ramirez, no breu da sala, aperta suas mãos molhadas uma na outra. Uma lâmpada acende iluminando um rapaz negro que se debate amarrado a uma cadeira por grossas cordas e um tecido branco em sua boca. Seus olhos marrons escuros estão muito abertos em pavor.

“Quando for o momento, nós entraremos em contato com você. Você trabalhará no local que está no bolso de sua calça. Você trabalhará lá quanto tempo for necessário.”

O homem amarrado começa a se debater e recebe um soco direto em seu rosto.

“Quando for o momento, você fará tudo o que dissermos. Mas, agora, precisamos de uma *prova*.”

O homem nas cordas começa a se debater de novo. Um revólver pesado é colocado na mão de Ramirez enquanto outro cano mais incisivo é colocado fortemente em sua cabeça.

Ramirez não estranhou. Você não entra no cinema se não pode pagar a entrada. Nascera pobre e depois de trinta anos de luta estava sempre atrás dos outros e na última fila do ônibus. Tentara de tudo e nunca fora suficiente. Sentia-se deixado de lado, como se tudo o que fizesse fosse algo secundário. Se estivesse em um filme, seria um dos personagens ao fundo, sem rosto definido, sempre a trabalhar e nunca tendo nada a dizer. A imagem de sua filha doente não lhe saía da mente. As marcas

no rosto, como uma borboleta. Um doutor falara sobre uma doença com um nome estranho, mas para ele era uma maldição. Aquilo tornou-se um tormento em sua vida, pois a amava e não conseguia entender por que tal desgraça acontecera com aquela felicidade que tinha chegado ao mundo para ele e sua esposa, o seu direito presente diretamente de Deus...

“Precisamos de uma prova *agora*, Ramirez.”

Por alguns momentos, houve aquela sensação de atravessar alguma coisa, passar para um outro lado; uma sensação vertiginosa de algo como um deslocamento. Talvez aquele seria seu último ônibus onde a vida que ele odiava ficaria para trás. Só existia mais uma pequena coisa, apenas mais um trabalho a fazer. Depois disso, não existiriam meios de voltar; mas voltaria à miséria para ver Katrina chorar por mais uma noite? Ou ver sua mulher desabar na cama ao seu lado e gemer baixinho com suas mãos ainda dormentes de lavar a roupa sem aquecimento?

“*Nunca!*” gritou o jovem enquanto encostou o revólver na cabeça do outro e em uma explosão de raiva e ódio puxou o gatilho sem nenhuma hesitação. O sangue voou para a parede e uma cabeça inerte pendeu. Um cheiro característico lhe encheu suas narinas, em meio ao seu rosto ruborizado. Descera do ônibus agora.

Sua última parada chegara.

Miller podia ver Sanders em pé ao lado da mesa com o chefe, que comia um canapé com apetite de adolescente. Eram

muitas pessoas, e para jogo em seguida viriam outras muitas mais. Apertou o botão e a luzinha vermelha acendeu na mesma hora.

“Nenhuma modificação. Confirme.”

“Confirmado.”

Chris suava um pouco abaixo do sol das três da tarde enquanto Robert praticava com seu treinador na quadra logo abaixo. Três grandes degraus de pedra os separavam onde algumas pessoas sentavam e viam o garoto lançar uma boa bola de esquerda. Catherine, que estava junto com Karl no elevado do restaurante do clube, tinha uma visão perfeita da quadra e abanou para Robert que lhe respondeu o aceno.

Com alguma satisfação, Chris apertou o botão novamente e falou.

“O garoto tem bons movimentos. Confiante também.”

“*Desligando.*” disse Sanders preocupado.

Miller caminhava de um lado a outro da pista, conferindo se havia alguém suspeito. Mantinha-se pronto como uma mola para o caso de alguma coisa dar errado. No estacionamento, o carro era mantido em local privilegiado para alguma fuga necessária. Jack mantinha sua pistola quase de modo ostensivo, com os botões do meio do terno abertos mostrando o coldre.

**

Jose Ramirez abre a porta de seu armário, e lá vê um envelope pardo que não estava hoje de manhã. Depois de três meses trabalhando, finalmente havia uma mensagem o esperando. Uma vertigem lhe passou pela espinha, mas ele não

tremeu ao ver uma foto de família com um círculo em torno de seu alvo. No fundo do pacote, um revólver igual ao que usara outra vez.

No verso da foto havia uma mensagem.

*Olhe bem para a foto e queime-a no lixo junto com esta pasta.
Esta será sua única chance. Faça seu trabalho direito e então
cumpriremos a ultima parte do acordo.*

Ao fechar o armário, o garçom colocou a arma no bolso de seu jeans por baixo do avental e foi indo em direção ao lixo lá fora, onde montes de grama cortada esperavam para ser incinerados. Jose juntou os montículos de grama em um grande bolo e jogou tudo no incinerador. Tirou o envelope do bolso de trás da sua calça e abriu a válvula de gás para que a chama acendesse, queimando rapidamente a parte de baixo da grama.

Conforme a foto queimava junto com os documentos, Jose sentia uma forte dor de barriga junto com uma sensação de estar flutuando para todos os lugares errados em sua cabeça. O jardineiro, quando deu seu depoimento à polícia seis horas depois, disse que Ramirez parecia que tinha visto um fantasma e que não respondera quando ele o chamou.

**

O treino de Robert havia terminado, e ele limpou seu rosto suado na toalha branca. O marrom do saibro sujara seu tênis e alcançava até sua meia. O treinador lhe devolveu um aceno enquanto outros meninos vestindo um uniforme azul

começavam a preparar a quadra para a próxima partida, o grande evento da tarde.

No microfone, o árbitro anuncia que o jogo deverá começar em menos de dez minutos. As pessoas começam a se aproximar e a tomar seus lugares nos arredores.

Enquanto Robert recuperava seu fôlego, Miller falou em um tom divertido, abaixando um pouco sua cabeça.

“Achei que você ia jogar.”

“Não. Comecei a aprender há pouco.”

“Talvez na minha folga eu possa acabar com seu traseiro magrelo.”

O garoto falou em um desafio debochado levantando os ombros e lhe entregando sua mochila de Tênis.

“Você pode tentar. Comece levando estas coisas aqui, por favor.”

Robert então subiu o último lance de escada em dois pulos beijando sua mãe no rosto que já o esperava ansiosamente na mesa. O garoto sentou-se e pediu uma jarra de água junto com a taça de vinho que seu pai pedia ao garçom.

Chris cumprimentou baixinho Jack que estava ali ao lado, pois ele estava vermelho como um bom polonês.

“Esqueceu a loção em casa, *moça*? ”

Sanders respondeu com um olhar frio enquanto limpava o suor de sua testa com um lenço.

“Vá se ferrar, Chris.”

No bar, Ramirez observava o garçom que voltava da mesa de Karl e quando ele debruça-se sobre o parapeito, pergunta então com muita segurança.

“Posso atender esta mesa?”

“Sim. Mas não se demore.”

Com um olhar vazio, ele esperou a jarra encher-se.

O jogo começou e todos estavam agora virados para a partida, exceto Miller e Sanders, que mantinham os olhos nas mãos de cada um que chegasse perto da mesa. Karl perguntava alguma coisa à Robert sobre as regras do Tênis enquanto sua mãe abanava-se.

Ramirez já tinha na bandeja o vinho e a jarra de água, e vinha por seu trajeto sinuoso pelas mesas onde todos os pescocoços estavam virados para a quadra. O tenista da casa abria o jogo marcando um ponto na lateral direita, levantando muitas palmas entusiasmadas de todos.

O garçom levantou a bandeja junto para não esbarrar nos meninos que passaram correndo por ele enquanto as pessoas voltavam a sentar-se em seus lugares. A poucos metros dali, Karl levantava e acenava seu braço em direção à Ramirez, ansioso por sua taça de vinho.

Jose sentiu sua respiração aumentar junto com o barulho da bolinha batendo no chão no silêncio que existia enquanto as pessoas aguardavam o desfecho da jogada.

Karl recebeu sua taça de vinho sem mesmo olhar para o garçom, e quando Ramirez foi tirar a jarra de água da bandeja, derrubou de propósito uma boa quantidade de seu conteúdo na mesa, emborcando um pouco no colo e peito de Karl.

Ramirez começou a falar rápido demais.

“Oh meu Deus, como sou atrapalhado. Me desculpe senhor, deixe que eu limpe aqui sua mesa e... puxa que confusão, eu...”

Karl fez uma negativa com a mão, decepcionado.

“Olhe o que está fazendo! Preste atenção, moço!”

Sanders acompanhava a pequena confusão a dois passos de distância enquanto Miller observava os arredores junto ao garoto. Ramirez tirou um pano detrás de seu avental e começou a limpar a mesa, continuando com suas lamurias.

“Por favor, este é o único emprego que tenho...”

Karl observa a tudo com impaciência enquanto Robert se servia com o resto da jarra. Ramirez sentia seu batimento cardíaco mover seu peito para cima e para baixo enquanto sua mão gelava conforme o pano encharcava de água fria espalhada pela mesa.

O garçom olhou o garoto duas vezes. Mais um ponto era feito, mas desta vez ouviu-se um lamento geral na torcida. O árbitro apontou para o outro lado e o tenista da casa recebia uma nova bola preparando-se para sacar novamente.

E então tudo aconteceu muito rápido.

Sanders dá um passo à frente já impaciente. Ramirez larga o pano ao chão e se agacha, tirando escondido seu revólver de bolso de sua calça. Miller que percebera algo estranho toca forte no ombro de Robert para ele se levantar. Sanders segura o avental de Ramirez pelo peito.

“Deixe que eu...”

Jose com a arma empunhada dispara um tiro na coxa de Jack que estava bem a sua frente. Com o tiro, Sanders se

desequilibra e cai ao chão, levando consigo um pedaço rasgado do avental do garçom.

O jogo pára e algumas pessoas começam a gritar.

Miller puxa sua arma, mas quando vai atirar, o garçom já tem Karl rendido em sua frente com uma arma na cabeça. Sanders leva à mão ao peito em direção à sua pistola, mas o garçom lhe dá mais um tiro bem nas costas da mão, fazendo imediatamente um buraco vermelho. Ramirez então volta novamente a arma para a cabeça do Sr. Haggins.

Robert olha com terror a arma na cabeça de seu pai.

“Por favor senhor...” diz o menino em um soluço.

Chris tenta obter sucesso em mirar no agressor, mas o pai do garoto cobre toda a frente. Depois de alguns segundos, Miller vociferou naquele silêncio mortal.

“Largue o Sr. Haggins. Agora mesmo!”

Enquanto Sanders começa a gemer de dor, Ramirez começa então a falar como um maluco e a bater com a arma no ouvido de Karl, que fica paralisado em um olhar distante e vazio para sua mulher que quase não respira com suas mãos protegendo o ventre.

“Eu não tenho dinheiro para viver. Tudo isso é culpa de vocês, desgraçados que não sabe dar valor nenhum a quem faz seu trabalho sujo.. Minha filha passa mal enquanto vocês enchem a cara...”

Ramirez enquanto fala olha mais uma vez para o menino, e para a mesa. Miller percebe que ele está preparando algo, mas não acredita no que seus olhos vêem. Tal como Chris previra, a arma sai da cabeça de Karl e pende no espaço entre o garçom e Robert. Rapidamente Miller empurra o garoto para o colo de sua mãe e se atira na frente virando-se de lado recebendo um

disparo na barriga e outro no ombro que eram destinados ao garoto.

Um cidadão gordo de pé na mesa ao lado pega uma faca de sua mesa e a crava diretamente nas costas do garçom enquanto sua mulher com um chapéu enorme leva as mãos à cabeça.

Sanders consegue se apoiar com o outro braço no chão e puxa Karl para o seu lado pela calça. Ramirez pende para a frente tentando tirar a faca instintivamente de suas costas, enquanto a arma aponta para todos os lados, fazendo uma multidão gritar e se abaixar apavorada. Jack puxa sua arma com a outra mão e tenta fazer uma mira vacilante. Um tiro sortudo explode três dedos da mão de Ramirez, e o revólver cai em cima da mesa.

Em uma série de gritos agudos, o garçom aperta com sua outra mão o toco vermelho que verte em sangue. Dentro de seu peito, uma falha congênita em seu coração que lhe o arrebataria quinze anos no futuro se pronuncia. Ramirez balbucia alguma coisa enquanto seu coração tropeça e pára. O corpo vai perdendo o equilíbrio deslizando ao chão morto como uma pedra.

Naquele mesmo instante, Chris observa Robert do chão enquanto ele abraça sua mãe ao lado com força. O buraco em seu ombro começa a arder forte, e sua barriga treme. O garoto solta-se de sua mãe e se agacha ali mesmo no chão procurando a mão de Chris. Robert consegue dizer uma única frase direto nos olhos de Miller, que já ia perdendo sua consciência.

“Muito obrigado... Sr. Miller.”

E as luzes se apagam.

Três semanas depois, com uma faixa no ombro e um grande curativo perto de suas costelas, Miller caminha pelo pátio onde encontra o Sr. Haggins a lhe esperar pela estátua do anjo de pedra. Exibindo um sorriso franco, Karl começa a falar lhe oferecendo a mão cordialmente.

“Bom dia, espero que não esteja estragando sua recuperação?”

Miller tira seu chapéu com o braço bom e os dois se cumprimentam.

“Estou ainda sob observação. Não é nada.”

“É. Tivemos sorte. E tivemos você na hora certa.”

O menino aparece na janela e abana sua mão faceiro. Haggins olha com satisfação seu filho e fala um pouco mais próximo de Chris, coçando uma barba que já espera muitos dias para ser feita.

“Vocês têm um bocado a conversar, mas antes disso gostaria de ter uma palavra com você, Sr. Miller.”

Chris colocou o chapéu de volta em sua cabeça. Karl o pediu para acompanhá-lo enquanto passavam da entrada para a garagem dos carros.

“Minha mulher e eu pensamos em uma maneira de recompensá-lo por tudo o que você fez, Chris.”

Lado a lado haviam muitos carros, e todos estavam muito bem cuidados pelo caseiro. Carros novos e semi-novos alinhados como numa exposição. Haviam também carros de dez, quinze anos atrás que pareciam recém chegados da fábrica.

Os pneus pretos como se nunca tivessem conhecido uma rua ou estrada.

“Gostaríamos que você escolhesse qualquer um destes carros para ser seu. Qualquer um.”

Miller deu uma risada nervosa.

“Como se fosse meu... Aniversário?”

Karl coçou seu cotovelo em um grande sorriso.

“É isso ai. Hoje é o seu dia.”

Chris caminhou devagar, mas já tinha escolhido o carro vermelho desde que entrara naquela casa: um *Bel Air* 54, versão luxo colecionador.

Ele abriu a porta e se sentou junto com Karl no carro que já estava com a capota aberta para aquele dia esplêndido azul de sol. Chris passou a mão pela direção e viu o painel bem cuidado. O cheiro de couro limpo e cuidado lhe fez dar uma outra risada.

“Sabe, eu ia dar exatamente este carro para o guri...”

Miller o olhou de banda ainda passando os dedos no painel. Haggins estava um pouco triste e parecia refletir sobre algo que lhe incomodava.

“Robert nunca foi muito de dirigir, sabe?”

Karl coçou mais uma vez sua barba e quando Miller se virou para prestar mais atenção começou a falar.

“Quando estámos viajando de férias, eu atropelei um destes animais de estrada, não era um cachorro ou nenhum destes...”

“Guaxinins?”

“Não.. Era grande. Era um filhote de gamo. Foi terrível. Ele viu eu tirar o bicho das grades de baixo. Um sangue que não acabava mais. Já fazem cinco anos, mas depois disso ele

nunca me pediu carros ou motos com qualquer adolescente faria.”

Miller olhou Karl que parecia meio perdido. Depois do evento, outros quatro seguranças foram colocados na equipe, e pelo aspecto em seu rosto algo dentro de si estava estragado, talvez quebrado.

Ver a morte de perto muda as coisas.

Karl voltava a um sorriso amarelo esforçado.

“Puxa, que porcaria para se dizer em um aniversário..”

Os dois deram uma risada franca e Miller falou agradecido em seguida, apertando mais uma vez a mão do homem.

“Muito obrigado, senhor. Muito obrigado.”

Haggins olhou para a entrada de sua casa e viu sua mulher já com uma barriga significativa. Uma nuvem apareceu no céu e diminui o calor nos assentos de couro que eles estavam sentados.

Por fim, Karl disse com a maior sinceridade.

“Espero que não tenha que lhe dar mais presentes fora de sua data.”

“Claro senhor. Estaremos preparados para o que vier.”

“Assim espero.”

Karl abriu a porta e encontrou os olhos de Miller e aquela parte estragada em sua cabeça tornou-se evidente em uma voz diferente carregada de rancor.

“Mas que mundo fodido e desgraçado.”

O homem então se distanciou do carro, entrando dentro de casa com um ultimo aceno distraído. Chris olhou o carro mais uma vez e sentiu uma pontada de choro crescendo, como

se o mundo finalmente tivesse parado um pouco para ele e ele tivesse seu dia ao sol.

Para Miller, foi o melhor aniversário de sua vida.

Seis meses se passaram. As feridas cicatrizaram, e tudo voltara à um nível de quase normalidade. Sofia Haggins nasceu com três quilos e meio, de parto normal. Robert escrevera um livro chamado "Reflexões sobre o homem moderno", o qual Chris lera alguns trechos – o que já era alguma coisa, pois largara a escola pelo ginásio. Era um texto difícil e extremamente crítico sobre a sociedade. No fim, cada um sabe como lamber suas feridas. O Bel Air vermelho já tinha adquirido os contornos de Chris, e os pneus já tinham conhecido muitas estradas. O couro continuava cuidado pelo menos, e mesmo nas bebedeiras Chris não deixava nada cair em cima.

Aconteceu em uma quarta-feira.

À noite, e por volta das duas e meia da manhã em seu dia de jogar sinuca até fechar o bar, Chris recebeu um chamado por telefone. O dono do lugar deixou o bocal no descanso. Miller terminou sua tacada e caminhou lentamente até o balcão, colocando seu ouvido no telefone.

“Espero que seja importante.”

Era Sanders do outro lado. Miller passou sua mão no rosto e apertou seus olhos em busca de um pouco mais de lucidez. Não gostara do tom do amigo no telefone. O rapaz que estava jogando com ele lhe acenou. Chris se virou para o outro lado e

um tremor lhe passou enquanto Jack lhe pedia para ir à casa de Hess Bluntem.

**

Miller já estivera ali outras vezes. Naquela mesma mesa de jantar já vira o garoto de Hess com três carreiras de pó. Batera só uma vez na mão do garoto, quebrando o dedo mindinho como um graveto para que ele se lembre de que aquilo não era legal. Depois de dez minutos de sermão onde o moleque chorava, chutava e xingava, Miller chamou uma ambulância o avisando que na próxima vez não seria mais gentil com ele. Hess naquela época agradeceu a Chris, e a portas fechadas terminou o que ele começara, exceto pela gentileza.

A aglomeração de indivíduos vestindo casacos pretos e gravatas naquela hora da noite fez o batimento cardíaco de Miller tropeçar entre as batidas. As tequilas que tinha bebido sublimaram de sua cabeça em uma nuvem de dor de cabeça quando os olhares se voltaram a ele, e um por um o foram cumprimentando em um tom terrivelmente fúnebre. Miller sentiu o álcool em seu corpo escoando para sua pele em um suado nervoso e frio. Cada um daqueles preocupados pais sentou-se à mesa e todos o encaravam com certa apreensão.

Jack Sanders começou a falar de maneira arrastada e triste. Tinha seus cabelos grisalhos totalmente molhados em meio a sua uma testa enrugada e preocupada. Sua voz parecia de um barítono, dois níveis abaixo do normal.

Como sempre, Sanders foi direto ao ponto.

“Perdemos Robert em um trágico acidente agora a pouco.”

Chris sentiu-se pesado e algo apertou sua garganta. Deu um passo para trás instintivamente. Tentou emitir algum som, mas tudo o que fez foi colocar uma mão em sua boca. Um outro senhor magro e com um chapéu em sua mão ao lado de Karl emocionou-se e levou sua mão ao ombro de Haggins, o qual agora mordia os dedos de sua mão direita quase ao sangramento, poucos instantes de romper a cachoeira que eram seus olhos.

Sanders completou o cenário.

“Acidente de carro. Alta velocidade direto no muro. Estava sozinho.”

Uma tremedeira passou pelo corpo de Miller refletindo em sua mão e ele replicou incrédulo e indeciso, como se de alguma maneira o que ele fosse dizer mudaria alguma coisa que já tinha acontecido.

“Mas Robert não sabia... nunca quis...”

Sanders tragou um cigarro quase até a ponta sendo observado de perto por Miller com seus olhos verdes esbugalhados. Jack ainda tinha uma cicatriz grande em sua mão do tiro que havia levado no clube da outra vez. Sanders jogou o cigarro no chão e enquanto a fumaça saia de seu nariz ele falou com uma mão no ombro de Miller.

“Robert nocauteou Kevin em três socos antes de pegar a chave. Kev disse que sua mão parecia fogo e que ele quase não reconheceu seu rosto. Parecia... Bom, ele fez o *Benz* pegar, atravessou o portão e dirigiu por dez minutos sendo seguido pelos rapazes. Isso foi até ele decidir não fazer uma curva. Atropelou um cara desavisado também, que morreu ali mesmo.”

Todos olharam para Chris que cambaleava trocando uma perna. Miller viu Karl e gritou alto, beirando o pânico e doendo sua garganta seca por toda a extensão.

“Por que diabos ele faria isso!”

As pessoas abriram um pouco mais de espaço para Chris, e Jack o segurou fortemente em seu braço completamente fora de si. Hess, amigo de infância de Haggins, de quase dois metros de altura distribuídos em mais de cento e quarenta quilos, aproximou-se colocando um dedo muito próximo do rosto de Chris.

“Queremos aumentar consideravelmente o nível de segurança em nossas casas. Russos filhos da puta... Temos razões para desconfiar de um terrorismo dentro de nosso país e que está agora dentro de nossas casas. Não estamos seguros, Sr. Miller.”

Miller não via mais nada e um nó centrou-se em sua garganta. Passou com sua mão no peito onde estava a cicatriz da bala que tinha salvo Robert da outra vez. Agora deveriam estar tirando pedaços de sua cabeça do muro com uma esponja e um balde. Seus olhos ficaram vermelhos e ele resistiu bravamente às lágrimas.

O pai em sua frente, que outrora agradeceu Miller intensamente por ter salvo a vida do garoto parecia em ruínas; uma sombra perdida em um deserto escaldante de dor. Karl, que nunca mais faria piadas nos almoços de sábado e que no ano seguinte pediria sua aposentadoria abraçou Miller pesadamente logo em seguida. Por fim, tomou um pouco de distância e falou para todos ouvirem.

“Chris, você irá descobrir o que aconteceu. Não quero saber quanto irá custar ou *quando* vai acontecer. Essa é a minha vontade e você fará isso acontecer!”

Miller deu sua mão rapidamente e eles fecharam em acordo. Sua dor tornou-se raiva e angústia. Após um breve momento onde alguma coisa precisava ser dita, Chris só conseguiu pensar nos olhos de terror de Robert quando o revólver apontou em sua direção. O garoto tinha toda uma vida ainda. Uma vida decente. Alguém que faria a diferença no buraco infinito de merda do mundo.

“Irei até... o fim disso.”

E em meio a toda a polêmica gritaria que veio logo em seguida, com gritos de comunistas terroristas, lavagem cerebral e de limpar a honra de um pai em sangue, a ultima coisa que Miller fez foi sentar-se à mesa e lá ficar até que todos fossem embora para a segurança de suas casas.

Depois de alguns dias, Chris notou que aquilo lhe parecia como descer em uma montanha russa sem fim, onde o friozinho na barriga transformava-se em loucura. Anos depois, Miller desejaría nunca ter fugido da fazenda de seu pai no Alabama.

Por mais de quatro anos, Chris investigou tudo o que havia sido publicado sobre conspirações, alucinógenos, experiências com macacos — o que em termos práticos traduziam-se em muito café, noites mal dormidas e fortes dores de cabeça em seqüência.

Era no meio de todas as reportagens de tablóides onde estavam alguns indícios da verdade; e era lá que Chris investigava. Fingia que era repórter, com carteirinha e tudo; muito mais eficiente que por uma arma na cabeça e ouvir choros e lamentações do suspeito. Já tinha comprovado a experiência. Por outro lado, tinha de ter cuidado para não enlouquecer. Apesar de ler jornais não matar ninguém, já tinha absorvido tanta porcaria e por tanto tempo que aquilo estava tomando conta da sua cabeça. O mais difícil era dormir, pois aquelas notícias de experiências com eletrodos nas cabeças, ondas de rádio ou microondas martelavam suas idéias até quase a exaustão, pois por mais ridículas e escabrosas que o eram, ele as precisava investigar.

Mesmo viajando e trocando de hotel conforme as suas pistas, Chris sentia-se apertado e acuado tentando não sair de casa a qualquer custo. Já ouvia sua própria voz comentar coisas absurdas em uma freqüência que o assustava, e tinha certeza que já atravessara o limite onde tinha controle completo de suas idéias.

Duas ou três vezes por ano recebia ligações informando-o que outro menino ou menina teria morrido de maneira bizarra. A última notícia fora de Terry Goldberg, que em seu chalé de inverno na montanha cortara a mão esquerda com um machado. Seu corpo foi achado milhas adiante, dilacerado por animais. A mão decepada apertada na outra, como em um último aperto macabro. Precisaram dar uma olhada em sua carteira para confirmar sua identificação, pois em sua cabeça nem a arcada dentária sobrara.

Miller desligou o telefone com sua mão tremendo sem ao menos responder uma palavra. Pegou mais um pino de sua gaveta, e ao abrir um álbum viu a garota posando em sua foto de debutante com uma flor em seu cabelo. Em sua boca, um sorriso satisfeito de quem teria muitos sonhos ainda a concretizar. Em um soluço, seu almoço veio rapidamente à boca.

Ajoelhado ao chão e com seu rosto sujo, Miller não conseguiu conter um acesso de choro quando ao abrir sua mão notou que sobraram poucos marcadores de cabeça preta.

**

Hober Keelix abre a porta lateral de uma Kombi verde com os dizeres em branco *Lavanderia Rose* em uma rua secundária do centro. Em um pulo, desce à calçada. O carro segue em frente enquanto ele entra imediatamente em uma cabine telefônica.

Hober é alto e bruto, em um porte físico de um estivador. Confere seu relógio e coloca uma moeda no telefone, girando os números sem hesitação. Quando o homem fecha a porta completamente da cabine, ouve sua respiração um pouco nervosa. Aquela ligação iria colocar algumas rodas em movimento, e ele esperava que nenhuma delas chegasse perto demais de si, muito menos que a lama o atingisse.

O sinal sonoro da chamada em seu ouvido parou e um silêncio de máquina no fundo. Hober fungou um pouco e falou olhando mais uma vez para o relógio.

“Kansas Delta Zulu, dezessete. Pronto e esperando.”

Hober desligou o telefone pegando o troco e colocando no bolso da calça. Foi até a banca a alguns passos dali e comprou uma revista qualquer. De óculos escuros, aguardava a ligação de volta, enquanto passava seus olhos distraidamente pelas folhas cheias de fotos de gente famosa.

Dois minutos depois, o telefone toca e Hober atende. Do outro lado, uma voz impaciente.

“Pode prosseguir.”

“Tivemos danos ao protocolo. Célula *BCD* em ruptura.”

Silêncio do outro lado. Após um momento onde Keelix respirou por um fíapo de ar em sua boca quase fechada, veio a resposta incrédula.

“Precisamos de confirmação para algo de tamanha magnitude.”

“Já foram colocadas as provas em menos de vinte minutos atrás no ponto de coleta desta semana.”

Um suspiro longo e demorado do outro lado.

“É lamentável termos de fechar mais uma operação sua, dezessete.”

A face de Hober tornou-se rubra instantaneamente e quase se pode ouvir o ranger de seus dentes no outro lado da linha. Sentiu o ímpeto de quebrar o vidro com sua mão, mas isso só iria tornar as coisas ainda mais difíceis para ele.

Por fim, o homem bruto falou entre dentes, parecendo completamente ofendido.

“Lamentável é ter de fazer tudo sozinho, e de nunca poder ver a cara de espanto de vocês quando temos uma *interferência* ocorrendo dentro de casa. Vocês sempre em uma sala, operando uma merda de telefone.”

A resposta veio rispidamente e pontual.

“Mais alguma *falha* que queira reportar, dezessete?”

Keelix automaticamente puxou um cigarro e o acendeu com uma concha, tragando furiosamente e botando para fora dois jatos de fumaça por seu nariz achatado.

“Temos um possível substituto para a última... Bem, baixa. Preenche o perfil. Talvez possamos aproveitar este contexto. Providenciarei as condições.”

Silêncio do outro lado por algum tempo.

“Somente Frank decide estas coisas.”

Em sua frente, a Kombi já tinha voltado e parado bem perto da cabine, de motor ligado e pronta para sair. Por fim, falou com o máximo de desprezo que pode conseguir.

“Faça só a merda do seu trabalho, piloto de gabinete.”

Outro silêncio do outro lado. O fone é abafado e uma meia conversa é quase audível. Depois de alguns sons de discussão, o som torna-se um inconfundível tom raivoso cheio de ironia, com outras conversas paralelas ao fundo.

“Terá de resistir mais que o último. O custo é quase impensável quando algo dá errado. E as coisas ultimamente sempre dão erradas, não?”

Hober fechou seus olhos e os massageou com o polegar e seu penúltimo dedo da mão esquerda. Nunca se dera muito bem com os burocratas, que ainda estavam mordidos e pagando pelos estragos da ultima confusão. Em uma careta, apertou os dentes em seu lábio inferior tentando esquecer o que ele vira quando tudo se tornou um pesadelo. Sua mente já tinha absorvido a maioria da *coisa*, mas os *flashes* são os mais difíceis

de ignorar, quase como os ecos de um grito do passado quem nem era tão remoto assim.

O homem falou então em um desabafo cúmplice.

“Veremos. Nunca foi fácil... para ninguém.”

Notadamente, o Boxe não deixa de ser uma forma de comunicação. De sua camada mais na superfície, externa uma espécie de acerto físico entre duas pessoas em busca de afirmação de força e destreza. Mas depois que a adrenalina atinge seu planalto de impacto, algo escapa para o íntimo. E nesse íntimo, um pouco mais longe dos sentidos do corpo, sempre existe paz. Alguns requerem ao templo de Deus por longas rezas e intermináveis mantras; outros recorrem à punição física extrema para atingir o mesmo refúgio da mente. Ali, naquele salão imundo e fedido, o que se oferecia era uma viagem pelo templo da violência. Talvez um nariz quebrado de troco, mas nada era muito pessoal.

Sem dúvida o esporte preferido de Miller.

O salão grande e alto, que já fora uma vez abrigo para mendigos, oficina de carros populares, estacionamento barato para pessoas visitando o teatro e até uma pequena fábrica de tecidos exalava um forte cheiro de couro, suor e cigarro vindo do velho piso. Para quem olhasse de longe da rua seria uma pocilga cheia de possíveis marginais, mas para Chris sempre fora algo sério. Em seu tempo, resolviam-se as coisas daquele jeito e com ele não seria diferente. Ultimamente, era a única

coisa que anulava o eco de todas as coisas absurdas em que estava passando.

Em sua frente, Reynolds arrastava-se já no terceiro round, parecendo rebocar toda sua banha com dificuldade. Mas Chris sabia que isso não lhe servia de vantagem alguma. Depois de tanto tempo ganhando e perdendo lutas por alguns trocos desde quando era moço, sabia que a diferença quando não se têm nenhum treinamento transparecia até onde se suportava a dor. Um pesado como aquele agüentaria muita porrada e depois ainda mais um pouco. Todo aquele peso extra pode ser extremamente estratégico, mesmo com amadores.

Todas essas coisas voavam por cima de suas idéias, e enquanto Reynolds lhe entregava uma seqüência um tanto previsível em sua barriga, lembrou-se de ter visto um negro chamado Ray ganhar de um universitário metido quebrando dois dedos de sua mão esquerda no meio da luta. Mesmo assim o viu trabalhando na construção no dia seguinte, de mão enfaixada. Talvez Reynolds tenha sido uma péssima escolha, mas Chris nunca fora de recusar um ringue. E de apanhar um pouco também. Suas melhores lutas sempre terminaram com ele dormindo doze horas seguidas de tanta exaustão, e seu rosto machucado que faria sua mãe se não tivesse morrido tão cedo, orar a Deus só de olhar.

Mas o passado estava morto, tal como Robert e Terry que não tiveram um funeral aberto, somente uma foto grande e colorida ao lado de flores brancas.

Onde estão as respostas!

Miller mordia ainda mais o protetor bucal e via que o queixo do gordo estava parcialmente levantado. Com agilidade

de veterano gingou o corpo para frente, enquanto sua esquerda desceu e subiu rápido. Reynolds desabou como um saco de batatas. O irmão de Reynolds, muito mais pesado que o outro e mordendo um charuto apagado levantava uma de suas pernas gordas pela corda do meio do ringue brandindo seu chapéu marrom na mão enquanto lamentava o dinheiro perdido.

Miller cuspiu a proteção bucal em sua mão e falou com a maior calma que conseguiu.

“Você me deve vinte. Passe para cá.”

“Isso não foi luta justa. Olhe só meu irmão.”

“*Archie*, deixe de ser mau perdedor. *Rey* nem dormiu, só está descansando sua bunda gorda.”

O outro gordo contou o dinheiro tirado de seu bolso e entregou relutante. Reynolds levantou-se sem olhar para Chris. Ali não lutaria mais, teria de trapacear em outro local.

No ringue ao lado, um novo pugilista com corte militar cumprimentou Miller ao acaso.

**

Depois de trocar de roupa e lavar seu rosto, Chris passa pelo salão e atravessa a rua, encontrando um menino que lhe olha aflito.

“*Senhor...*”

“Olá. E então?”

“Sim. Chegou uma nova revista. Tome.”

Chris tirou sua carteira e puxou duas notas de cinco, mas o menino conservava aquele olhar estranho.

“Que foi Tony? Por que essa cara?”

O garoto engoliu em seco e gaguejou um pouco.

“É que eu... Tinha de...”

“Tinha o quê, Tony?”

Aqueles pequenos olhos o encaravam aflitos, mas Chris estava longe de entendê-los. Sua mente continuava na luta e no próprio cansaço. Por fim, o menino que estava escorado na banca de jornal dá um passo meio forçado para frente.

“Minha mãe está doente, precisa de remédio. Você pode me ajudar?

“Pode ficar com o troco.”

Miller se agachou e falou mais perto do menino.

“E se você achar mais dessas revistas, é só me procurar ali na frente.”

“Sim, senhor.”

Conforme Chris se distanciava até seu carro, um outro homem atrás da banca de jornal guarda sua arma e diz ao garoto que ele fez bem enquanto o menino dispara para dentro do parque. Dentro da revista, que agora ocupa o assento do carona de Chris existe uma reportagem inteira dedicada a uma tecnologia diferente com uso de implantes, descoberta por um certo cientista (foto grande de meio de página, colorida) que cansara das verbas das universidades e achara alguns fundos privados em Atlanta.

Dois dias se passaram de buscas. Com a foto em mãos, Chris passou por pontos de táxis e bancas de revistas. Foi em um restaurante que conseguiu uma boa pista. O empregado

enquanto lavava a calçada reconheceu o homem, e por alguns trocos a mais lhe disse quando fora a última vez que ele entrou ali e o que comeu. Depois de uma troca de cigarros, o garçom disse que o outro era muito mais branco na vida real que na foto.

Já traçara sua estratégia, mas as vozes tinham voltado com força enquanto ele revirava todas as outras revistas a procura de outras matérias sobre aquela estranha sigla BCD encontrada na reportagem.

Miller abriu o armário e pegou suas luvas, e uma bem vinda e súbita paz abrandou sua aflição enquanto ele viu seu rosto no espelho. Sem as luvas havia medo e loucura, junto com a certeza de que estava sempre muito mais distante da verdade quando começara.

Não ousaria ligar para Karl, não sem ter feito justiça. A promessa feita anos atrás custara sua amizade com Sanders que nunca mais retornou suas ligações depois de uma visita onde vira seu mural de pistas e sua coleção de revistas.

Ao entrar no clube, Miller deixou suas preocupações na porta junto com seu terno. Hoje seria como nos velhos tempos de dureza; sem vencedores — só os quebrados e vencidos pelo mundo.

Depois de amarrar sua luva com muita calma, Chris sentou-se no banco e começou a ver as duas lutas que aconteciam em sua frente, enquanto sua mente distanciava-se dali e encontrava-se com os olhos de um menino e um revólver, girando

(muito obrigado... Sr. Miller)

e apontando para ele.

“Sabe, você parece um velho durão para mim.”

Era o cara novo. Devia trabalhar em um açougue carregando carne pelo tamanho de suas costas. Provavelmente teria quase sua idade, talvez uns cinco anos menos. Corte de cabelo curto, de máquina, parecendo querer esconder uma calvície precoce. A velha e besta vontade de jogar tudo para o alto e apostar todas as fichas brilhou nos dentes de Chris. Perdendo ou ganhando, o que importa era pelo menos tirar um pouco de sangue do outro, e isso Chris sabia como fazer. O homem se apresentou, virando o rosto rápido e cuspidos no chão.

“Hober.”

“Chris.”

Os dois bateram de leve as luvas.

“Vi você bater aquele gorducho outro dia. Podia ter se dado mal.”

Chris olhou um pouco melhor o homem.

“Eu dei sorte.” disse Chris em um sorriso disfarçado.

Não é principiante pensou Miller. E escolhera as palavras certas para descrever o que tinha acontecido. Outro infeliz qualquer diria que ele podia ter perdido os dentes ou quebrado a cara, mas descrever que ele passaria por um mau bocado requeria experiência e a noção de que uma estratégia deveria ser pensada.

Só iniciantes ou tolos perdem seus dentes.

“Na marinha eu escolhia muito mal. Mas lá era outro tipo de boxe. Dizem que a fúria é que faz a diferença, mas eu vi uns

filhos da mãe lutarem até deslocar a retina por um mês a mais de soldo. Dinheiro é o melhor amigo do homem, pode-se dizer isso com todas as letras.”

Um pequeno silêncio entre eles foi preenchido por golpes surdos e um arrastar de pés no chão. Hober olhava frio a luta em quanto Chris coçava a cabeça e pensava quantos *rounds* poderia agüentar empurrando seus quase quarenta e cinco anos nas costas.

Hober propôs enquanto fumava um cigarro com a outra mão sem luvas.

“Quatro *rounds*. ”

Aquele cara ao lado parecia que podia quebrar a sua cara em dois, mas Miller concordou em seguida. Não recusaria outro ringue. Sentia uma crescente necessidade de ver até onde conseguiria ir. Disse então com um certo prazer, sentindo o sangue esquentar e os olhos se injetarem, reunindo tudo que tinha de podre na cabeça para em breve libertar sua fúria.

“Somos os próximos.”

Desde o primeiro golpe recebido de Hober, Miller soube que estava perdido. Lembrou-se de marginais que colocavam dois anéis mais grossos nos dedos para um soco mais forte. Mas você sabe sempre a diferença quando não existe trapaça e é a coisa verdadeira. Rápido e usando todos os músculos, começando pelo quadril que girava até sua direção, passando aquela energia até o ombro, onde o cotovelo abria-se como uma máquina transferindo todo o impacto até os dedos apertados na luva que encaixavam uma direita no rosto de Chris. No fim do primeiro round, Miller já estava quase esgotando todos seus

truques. Mas, além disso, havia os olhares do outro ao relógio. Um alerta na cabeça já vacilante de Chris piscava um tanto esquecido. Conforme seus olhos viam Hober a lhe acertar fortes socos quase o vergando ao chão, via também pessoas diferentes na platéia. Mesmo corte militar de cabelo escondido sobre bonés e gorros.

A sineta bateu e os dois foram cada um ao seu canto. Hober simplesmente sentou-se, ofegando um pouco como se tivesse feito uma volta correndo na quadra. Chris, por outro lado, tinha o lábio inferior cortado e dores abdominais fortes. Agora, com mais calma, dava um pouco mais de atenção à platéia onde tinha notado algo diferente. Olhares desviaram quando Chris os encarou nos olhos. Eram quatro. Todos eles mantinham os braços cruzados e um deles tinha seus pés apontando para a saída, com a cabeça mais virada.

Esses caras não estão vendo a luta...

A sineta bateu de novo e Hober levantou-se.

Chris durou menos de seis segundos.

Os homens parados sacam suas armas enquanto dois carros apontam na porta. O gerente do local reclama e tem uma arma na cabeça.

Miller é carregado por Hober e outro jovem até o carro.

A primeira coisa que Chris viu foi um balde de água com sua cabeça para baixo, queixo no peito. E logo sentiu as algemas em seus pulsos, com as mãos viradas nas costas. Levantou um pouco mais a cabeça e Hober falou ao seu lado.

“Você esteve muito ocupado estes anos, Chris. Não pensou que iríamos notar sua presença?”

Nos velhos tempos, quando se perdia você acordava na rua, às vezes largado ao lado de um restaurante onde poderia comer o que sobrava. Agora tinha se dado mal. Terrivelmente mal.

Hober continuou suas ameaças.

“Queremos que pare com as perguntas e volte para seu maldito Texas, junto com seu amigo.”

Uma foto recente de Sanders, com o jornal de ontem junto à um nariz quebrado. Chris tentou gritar, mas seu rosto parecia estar dormente, pois ainda nem sentira o pano que lhe amordaçava.

“Se continuar, um dia irá achar os dedos de seu pai dentro de um copo na pia do banheiro. Sabe, nós odiamos fazer isso. É muito sangue e muita gritaria. Mas no rancho escondido de Walter não precisaremos usar mordaças.”

Outra foto da fazenda de seu pai. Não sabia que tiveram que tiveram de derrubar a árvore na frente de sua casa. Seu pai devia estar com quase setenta, um dos mais velhos daquelas bandas. Chris começou a pular na cadeira. O general nocauteou-o mais uma vez.

Existia mais alguém por lá. Um jovem com mais ou menos vinte e cinco anos. Levantou-se da sombra e falou.

“Seus métodos são primitivos.”

Hober retrucou de volta.

“Isso vai fazer algumas rodas entrarem em ação. Espere e verá.”

O homem jogou um cigarro ao chão.

“O que o faz pensar que ele nos pode ser útil?”

Keelix tirou as algemas de Chris, e falou com convicção.

“Ouvimos muito sobre ele em sua cidade, que fica muito perto da fazenda. Disseram que ele fugiu de casa e começou do zero. Sua ficha na polícia é acima da média. Ele está a mais de quatro anos investigando o protocolo. Pena estar fazendo as perguntas certas nos locais errados. Deve estar louco pelo o que achamos em sua casa.”

Hober levantou-se e os dois ficaram frente a frente.

“Precisamos de postura, Frank. Coragem, persistência.”

Frank dirigiu-se lentamente à porta enquanto acendia mais um cigarro.

“Sobre o caso Deveraux: mais sorte na próxima vez.”

“Tire esse miserável fodido de minha vista.” disse o general para Frank ao cruzar a porta com dois soldados em guarda.

12

Carl Trenton vestia sua camisa havaiana típica de verão. Era quase meio dia, e decidira naquela manhã comer um bom frango a passarinho com fritas e limão. Em seus quarenta e seis anos, ainda era magro e baixinho como nos tempos de faculdade, e usava os mesmos óculos escuros grossos que já tinham saído de moda vinte anos atrás. Abriu a porta do restaurante e achou muito bem vinda a escuridão daquele ambiente, abrindo um sorriso em sua boca pequena de lábios finos. Fechou a porta com cuidado e retirou seus óculos revelando grandes pupilas verdes em um rosto de brancura fantasmagórica.

O restaurante tinha dois ambientes, onde uma pequena escada separava a parte da frente onde as pessoas à noite curtiam um bom som de fronteira. Uma iluminação amarela fraca vinha de todo os cantos — poder-se-ia ficar ali por horas sem saber se era dia ou noite, o que funcionava muito bem com os bêbados de plantão.

Carl galgou os últimos quatro degraus da escadinha com alguma facilidade, mas no topo da subida esbarrou em outro homem com muita força, sentindo algo forte e pontiagudo em seu quadril. Trenton soltou um grunhido alto de repulsa por aquele encontrão, mas o homem desceu rapidamente a escada, sentando de costas perto da porta com um cigarro aceso. Carl sentou-se resmungando algo grosseiro e fez ao barman seu pedido.

Miller observava o homenzinho pelo reflexo do vidro. Sua mão direita doía, mas aquilo não era nada comparado à seu ombro esquerdo onde havia uma bala alojada e duas gazes tentando segurar o sangramento. Tentara usar o acendedor do carro no local para diminuir o fluxo de sangue, mas aquilo lhe deixou mais uma camada de dor pela pele queimada. Chris pegou alguns guardanapos e os colocou por baixo da sua camisa.

No outro lado do restaurante, algo queimava no quadril de Trenton. Um formigamento iniciava em sua virilha. Ele colocou sua mão embaixo da camisa e notou um caroço duro. Carl começou a suar muito, e em poucos segundos suas mãos e testa pingavam como se ele estivesse em uma sauna. Muito nervoso, o homenzinho derrubou seu copo de água desajeitadamente na mesa.

Miller pegou alguns guardanapos da mesa e limpou a pequena poça de água que existia perto do copo.

“Oh, deixe me ajudar.”

“Não, não, suma d-daqui!” reclamou Carl notando que sua língua também estava ficando mole rapidamente.

Fingindo não ouvir, Miller terminou de arrumar a mesa.

“Aí está. Agora está bem melhor, não é Carl?”

O homem olhou em pânico para o desconhecido que sabia seu nome, tentando se levantar, mas não conseguindo nada além de bater desajeitado sua coxa na mesa. Começavam agora fortes câimbras nas duas pernas. Chris nem se mexeu e olhou frio para o homenzinho em sua frente. Quando Carl parou de se debater e fez contato com seus olhos, puxou de seu paletó uma foto polaroid e a colocou bem em cima da parte molhada da mesa.

“Você vai precisar de novos seguranças.”

Carl viu dois corpos com buracos vermelhos dentro da mala de um carro. O estranho em sua frente estava com alguns cortes em sua bochecha e algo vermelho escorria debaixo de seu terno.

Trenton tremeu e viu bolotas pretas ao redor de sua visão.

“Você têm exatamente dois minutos antes de perder os sentidos. Veneno de serpente é muito *foda*, não? Miller mostrou alguns caroços escuros secos em baixo da palma de sua mão esquerda.” Carl já pendia sua cabeça para frente, exausto como em uma maratona.

“O q-quê v-você quer?”

Chris pegou de sua carteira três fotos das últimas pessoas que morreram da família e colocou na parte seca da mesa.

“O que têm de errado nestas fotos, Sr. Trenton?”

“*Eu n-não sei cara, essa m-merda.. Tá me matand...*”

Miller deu-lhe um sonoro tapa em sua face esquerda.

“O que têm de errado nestas fotos!”

Carl balbuciou deixando cair um pouco de saliva do canto de sua boca. Balançava na cadeira para frente e para trás.

“Pff.. p-pessoas que d-d-des..conheço.”

“Estas pessoas estão mortas desgraçado. Olhe bem, Carl, você precisa me dizer algo. No meu carro tenho uma vacina se você for um bom escoteiro.”

O homem, ou o resto dele, já com a cabeça pendendo totalmente para a direita, falou devagar.

“Te levo lá, mas não usamos um BCD... contra nosso pessoal..”

Miller colocou a arma na mesa, mas Carl tinha seus olhos já virados para cima, e sua consciência vacilava.

“Precisa.. de meses.. de e-exposição... e um impl..”

Trenton fechou seus olhos desabando sua cara no prato vazio a sua frente. Chris levantou-se e rapidamente o tirou do restaurante, levando-o arrastado em seu outro ombro. Quando o barman voltou com a comida, os dois já tinham saído.

O carro estava estacionado na esquina. Dentro do porta-luvas, Miller retirou um kit, e injetou um preparado incolor no braço de Trenton colocando em seguida o carro rapidamente em movimento. Com outra ampola de morfina em sua boca, retirou o plástico com os dentes e enfiou a agulha direto na perna de Carl, tal como uma operação de guerra. Após entrar quatro quadras dentro do subúrbio, Miller encostou seu pesado carro com dois corpos de noventa quilos na mala em uma

esquina com pouco movimento. Tirou uma garrafa de cinco litros de água atrás de seu assento e com o polegar removeu a tampa, espalhando água no rosto de Carl que mais parecia um cadáver albino pela brancura de sua face.

Não funcionou.

Chris deu um soco no painel, xingando a mãe do infeliz em seu lado enquanto retirava um pequeno frasco de seu bolso.

“Você acha que não previ isso, seu fodido filho da puta?”

Chris tinha errado o peso dele e a dose fora excessiva. Com o pequeno frasco aberto, Miller levou o odor fortíssimo ao nariz do homem, fazendo Carl abrir seus olhos e gritar algo em russo. Na cabeça de Trenton, a tontura lhe dava ânsias de vômito. Ainda sentia o veneno em seu corpo, mas sua lucidez estava voltando pouco a pouco. Encostou o rosto no vidro do carro e com o canto de seu olho direito foi vendo tudo passar por ele cada vez mais rápido.

13

Miller esgueirou um olhar desconfiado para o lava-carros em sua frente cheio de poças de óleo e ferro velho. Não tinha ninguém por lá além de alguns cachorros sarnentos se coçando ao sol. Miller sentia a agitação de quem pagou para ver por muito tempo e agora estava na iminência de saber se tudo tinha valido a pena ou teria de recomeçar do zero.

Chris encostou o carro do lado dos restos de um velho Chevrolet, sem as rodas e capota, com um de seus faróis quebrado e com musgo em volta. Miller retirou o homenzinho puxando-o com força pelo braço e colocando logo a arma no

meio de suas costas. Após uma pequena confusão com a chave, os dois entraram em um minúsculo depósito ao lado do *Chevy*.

Trenton entrou no escritório e apoiou-se na mesa daquele escritório.

“Emp-purra aqui... A merda da m-mesa.”

O homem parecia totalmente embriagado, abrindo e fechando muito a sua boca, achando aquilo engraçado.

“É bom, não é? Logo você estará contando até quando fodeu a vadia da sua mãe.”

Até agora tudo estava conforme o plano, mas o que Chris não contava era a bala em seu ombro que lhe requisitava um médico o mais rápido possível. Não tinha ido a nenhuma guerra e muito menos saberia como remover aquele pedaço de metal que insistia em arder de uma maneira que lhe roubava o ar de seu peito. Apertava seus dentes constantemente tentando não gritar de tanta dor. Empurrando a mesa, existia ali um alçapão escondido. Olhando o escritório com mais calma, viu dois grossos canos que saiam do chão para a rua, renovando o ar da parte subterrânea do escritório.

A escadinha era vertical, e pelo metal polido dava para ver que teria sido colocada ali a pouco tempo. Quantos lugares como aquele deviam existir na América? Todas aquelas dúvidas de investigações voltaram a zumbir na sua cabeça como o alvoroço do inicio de uma assembléia de abelhas. Concentrou-se na dor em seu ombro e respirou fundo. As vozes diminuíram em acordo.

Lá embaixo, o lugar era duas vezes o tamanho do pequeno escritório. Estava cheio de máquinas com alguns oscilatórios

verdes. No fundo da sala havia uma jaula onde um asiático de cabeça raspada segurava as grades com olhar fixo neles.

Os dois sentaram-se em cadeiras no centro da sala e Chris tirou uma pequena tesoura de jardineiro de seu terno. Trenton balançava devagar sua cabeça curtindo o efeito da morfina.

“Comece a falar” disse Chris impacientemente.

Trenton estava quase deitado na cadeira. Tinha urinado por toda sua volta e perdera o controle da saliva como um grande buldogue preguiçoso.

“Por que toda essa parafernália, Carl?”

Um grande gerador ocupava uma parte do pequeno complexo, ligado a uma máquina do tamanho de um freezer em pé.

“Minha invenção... Enfia idéias na merda da cabeça oca de um china.. Cinco sessões por dia.. O aparelho recebe as seqüências de impulsos e modula na força um padrão de alta... s-sugestibilidade nas idéias do... infeliz.”

Chris olhou para o homem enjaulado na sua frente. Levantou-se e muito perto do chinês passou a mão entre os olhos dele. Se não fosse pelo leve arfar do peito, Miller diria que aquele homem era uma estátua viva de carne.

Carl levantou só um pouco sua voz de bêbado.

“O que para nós é uma merdinha de sinal, para o infeliz é uma sugestão trinta vezes mais forte que aquelas porcarias subliminares.”

Trenton cuspiu no chão, continuando sua explicação.

“A mente acostuma-se com uma seqüência de eventos. Com muita exposição, uma mensagem cifrada pode levá-lo em

estado sugestivo instantaneamente e podemos começar a dar ordens a ele.”

Chris respirou fundo e ignorou o grito que estava contido em sua garganta pela dor em seu ombro. Fechou um pouco seus olhos e grunhiu algo entre dois palavrões. Aproximou-se de Carl e tinha o cabo da tesoura apertada em sua mão.

“Agora olhe para mim, Carl. Você sabe que irei usar isto se você não cooperar. Todos estes meninos morreram de uma maneira muito estranha. Era esse o objetivo? Suicídio?”

Carl tremeu na cadeira e tossiu muito. Fechou os olhos por um momento e Miller testou a tesoura muito perto de seu nariz. O homenzinho falou então rapidamente, meio que atropelando as palavras.

“*Suicídio?* Olhe isso não é possível. É que nem segurar forte sua respiração achando que isso pode levar a morte. Simplesmente não funciona. Podemos fazer com que o miserável torne-se o mais frio assassino de bebês, mas sua mente não irá aceitar o suicídio. É algo no sistema límbico mais primitivo, *reptiliano* de todos os pensamentos e é in... i-intransponível.”

Chris encostou a tesoura no rosto trêmulo de Carl.

“Que tal uma orelha?”

“Eu posso provar!”

Trenton foi se puxando com um de seus pés que já tinha algum controle e aproximou-se da jaula. Cuspiu no chão, tossiu e falou com uma voz vacilante em uma língua estranha. O pequeno chinês não se mexeu. Continuou no mesmo lugar, apertando a grade entre as mãos quase sem piscar. Trenton deu mais uma tossida, ergueu a mão até a grade.

Miller engatilhou a arma na cabeça de Trenton.
“Precisa ser na entonação certa e eu estou d-drogue para fa-falar certo! Por favor, m-mais uma vez!”

Chris continuava sem provas. A dor em seu ombro o fez chutar uma mesa e lançar uma cadeira na jaula, direto nas barras em frente ao homem enjaulado. Uma parte da cadeira bateu na mão do chinês e lhe fez sangrar entre dois dedos. A completa indiferença ao ferimento fez com que Miller começasse a acreditar em Carl, que respirava sonoramente e abria e fechava a boca treinando sua fala. Então ele levantou-se da maneira que pôde e por um bom tempo ficou lá, tremendo e completamente molhado. Até que em um lance rápido que fez Chris apontar a arma, ele vociferou algo de novo, provavelmente na língua do infeliz na jaula.

Os olhos do chinês piscaram duas vezes e então ele começou a gritar naquela língua diferente e a segurar suas mãos ensanguentadas na cabeça refletindo a dor que estava passando com uma careta terrível. O homem corria de um lado para o outro completamente transtornado e gritava sem parar.

Miller tentava impor sua voz em meio a loucura.

“O que você fez! Faz ele calar a boca!”

“Eu o li-liberei... Você acredita em mim agora?”

“Jesus Cristo! Acabe com isso!”

Conforme as palavras estranhas que Carl dizia iam se acumulando, os gritos iam cessando e o homem voltou a ter aquela expressão vazia. Seus dedos pingavam sangue no chão e seu peito aos poucos parava de arfar como um esquilo enlouquecido.

Miller enfiou sua mão na boca mordendo seus dedos para não gritar. Existia uma distância incrível para o que se lia nos jornais e a evidência em sua frente.

“Mas o quê...”

Carl aproximou-se mais da jaula em seu jeito vacilante. Babava muito e Miller olhava-o com muita repugnância.

“Ling, pegue a faca naquele canto e corte sua garganta.”

Existia mesmo um facão naquela sala. Chris apontava agora sua arma para o chinês enquanto ele caminhava tranqüilo e pegava o facão. Miller tinha sua camisa muito ensanguentada e empunhava sua arma com enorme dificuldade. Calculava que não conseguiria acertar algo a menos de um metro naquela condição. Balançava como uma vara verde no vento.

O chinês levantou a enorme faca e a colocou da garganta. E ficou nessa posição por um tempo.

“É sempre assim. Não sai disto. Nenhuma ordem que os leve ao suicídio é executada.”

Chris apontou de novo para as fotos de seus meninos.

“Essas pessoas estavam sem implantes. Morreram de formas bizarras. Algo que até um sádico desgraçado como você se assustaria.”

Trenton olhou sério para Miller.

“Existem coisas... que nem eu... entendo.”

A voz de Carl estava tão baixa e rouca que Chris teve de se aproximar o que estava falando. Ele continuou falando, agora mais perto de Chris.

“Você não é o primeiro a me perguntar sobre isso. Talvez o que você queira saber... ouvi dizer, é o novo protocolo... Kudzu.”

Miller pegou as fotos do chão. Sorriu e falou com escárnio.

“Não dê uma de merdinha espertinho comigo, Carl.”

Por alguns momentos, os dois se olharam nos olhos. Trenton começou a ver que Miller não acreditava e balançou sua cabeça.

“Ora, vá para o inferno. Você e suas fotos idiotas. Louco de pedr...”

Chris deu-lhe um soco brutal no nariz, quebrando-o em um barulho terrível de osso partindo. Após alguns gritos de repúdio vindos de Trenton, Miller sibilou entre seus dentes cerrados.

“Não tente me foder, Carl!”

Chris energicamente pegou o telefone da mesa mais próxima e discou para a polícia, informando o endereço. Enquanto esperava na linha, sua visão ficou preta e ele quase desmaiou, baqueando seu corpo da direta para a esquerda. Nesse momento, Miller não viu quando Carl na linguagem dos sinais orientava Ling para abrir as grades e atacar Chris com o facão.

“Sim, é na porcaria do... La-lava carros.”

Miller tirou o suor da testa com a mão que empunhava a arma, olhando para seus pés. Seu corpo era pura dor. Apoiava-se completamente na mesa, e seus pés encostavam tortos no chão. Parecia o último round de uma luta em que apanhara feito um cachorro vadio. Ainda teria que fugir dali e enterrar aqueles dois que estavam na mala do carro. Sua gastrite companheira das bebedeiras reclamava como uma velha megera esquecida no canto mais sujo da festa.

Enquanto Chris tinha seus devaneios e pequenos desmaios, Ling abriu a sua jaula e saiu com a enorme faca empunhada com as duas mãos. Naqueles dois metros que existiam de distância entre eles, o pequeno chinês levantou o facão acima da cabeça para um único golpe.

14

Miller teve muita sorte; talvez a única sorte que teve em vida. O chão entre eles estava molhado e o sapato de Ling fez um barulho de pisada que Chris ouviu, virando seu corpo em reflexo e disparando um tiro certeiro no olho esquerdo do chinês. Toda a parte de trás da cabeça do homem explodiu. Carl ficou ensopado com a chuva de pedaços de ossos, cérebro e muito sangue, começando a gritar e a ter surtos de convulsão. Ele tremia e balbuciava algo. Sua respiração era como de um asmático crônico e seus olhos estavam alucinados. Chris largou a arma que fumegava e segurou a cabeça de Trenton com as duas mãos gritando em seu rosto.

“CONTROLE-SE HOMEM!”

Miller pegou um copo de água que estava ali perto e jogou na face de Trenton, limpando um pouco da sujeira no rosto dele.

“Jesus, você vai enfartar! Olhe em meus olhos!”

Houve um momento de silêncio.

“Kudzu... não é... deste mundo. Eles... me descobriram passando dados aos chineses. Preciso sair... m-me ajude... a sair deste lug...”

A respiração do homenzinho tropeçou parecendo um motor engasgado e então cessou por completo. Seu corpo foi lentamente amolecendo e deslizando pela cadeira até o chão.

Chris não esperou Trenton juntar-se ao resto do que antes fora Ling. Chutava coisas de sua frente, e segurava o ombro ferido com sua outra mão. Chegou na escada e cada degrau foi conquistado com um urro de sofrimento. Nunca tinha visto tanta violência em sua vida e nem se lembrava de ficar tão machucado. Ao olhar para cima, viu tudo preto e suas pernas fraquejaram. Alcançou a saída depois de dois minutos de pura agonia. Fechou a porta do escritório com um estrondo e desatou em uma corrida desastrada para seu carro, tropeçando em uma pedra e rolando naquele chão imundo de terra vermelha.

Miller percebeu que não tinha mais forças em seu corpo. Faltara a alguns metros de alcançar seu carro, onde iria injetar-se com o resto da morfina e acelerar seu carro até não haverem mais ruas asfaltadas, postes de eletricidade ou qualquer indicio de civilização. Lembrou-se de seu pai lhe ensinando sobre o pé no estribo com a ponta dos pés, “*Cuide bem de seu cavalo, mas nunca esqueça quem é que manda*”.

O sol incidia forte na lataria do carro, e Miller estendeu sua mão direita numa tentativa de alcançar a porta. Sangue rolava de seu ombro, molhava seu peito e acumulava no chão. O cachorro a seu lado lhe mostrava os dentes, rosnando baixinho.

Uma sombra curvilínea começou a se pronunciar no solo, deslocando-se devagar do escritório onde o terror tinha acontecido. O cão parou de rosnar e agora latia para algo no

céu. Chris parou de esticar-se e simplesmente largou sua pesada cabeça de novo naquele chão quente e malcheiroso. As pedrinhas machucavam sua face e lhe esquentavam o rosto. Seu braço esquerdo estava inutilizado, já não sentia nem mais as pontas de seus dedos.

A sombra passou por ele e ele agradeceu pelo sol forte não atingir-lhe mais. Abriu um pouco seus olhos e notou que a região limítrofe entre sol e sombra tinha um contorno muito definido. Aquilo sem dúvida era estranho, mas o que realmente lhe incomodava era o cachorro latindo e ganindo em seus ouvidos. Virou-se para o cão e gritou com ele toda a fúria que ainda existia em si, jogando um pouco de terra que conseguiu pegar com a única mão que ainda obedecia. Outros cachorros da vizinhança entraram no coro e Chris mandou todos se calarem de uma forma bêbada e totalmente patética.

Começou a rir.

Doía-lhe a barriga de tanto rir, mas ele não conseguia controlar. Em sua gargalhada louca lembrou-se de outras vezes que atingira o fundo do poço: Anita Sommers lhe dizendo que havia outra pessoa agora que sabia entender seus sentimentos; seu pai no interurbano dizendo que não confiava em um bêbado inconseqüente. No final de suas lembranças, chorava de raiva e ódio. Seria acusado de múltiplo homicídio. Uma matança sem igual. As pessoas na segurança de suas casas ouviriam os noticiários e celebrariam a condenação de mais um psicopata americano. Vencido, Chris devia de aceitar agora que pelo menos tentara. Pensou no jeito que o corpo de Terry Goldberg foi achado no chão, seco e com as entranhas jogadas para fora, como um gato atropelado na estrada.

Ninguém deveria morrer assim.
Agarrou-se nesse pensamento com toda a força.

Quando tudo parecia perdido e terminado, nos instantes em que Miller preparava-se para sua eventual prisão, o solo começou a tremer por toda a área em sua volta. O cão que estava a seu lado correu em um trote desesperado por sua vida. Partículas de poeira, sangue e óleo voavam para cima em uma gravidade inversa. Miller foi virando sua cabeça até o limite de seu pescoço, e foi então que viu o imenso disco pairando a poucas milhas no céu, do tamanho de um estádio.

Entre ele e o impossível existia toda a poeira que subia de encontro a uma abertura branca na parte inferior da silenciosa nave em cima de sua cabeça. Algo que Carl definira como a parte réptil do cérebro de Chris ativou uma reação tão fantástica que seu corpo conseguiu virar repentinamente e olhar a coisa de frente. Tentou gritar, mas ficara sem voz. Sentia o puxão de ar por baixo de seu corpo, e em pouco tempo começou a levitar como se um furacão o atingisse de baixo para cima. A poucos momentos de Chris finalmente perder os sentidos e a mais de vinte metros no ar, ele viu de perto a luz branco azulado que emanava da entrada do disco.

15

Ben dirigia enquanto seu irmão John tirava um cochilo despreocupado no banco do carona. Eram as primeiras férias dos irmãos McKinney depois de terem entrado na faculdade. John cursava engenharia mecânica e Ben ainda não sabia se o curso de medicina fora uma escolha sensata. Nos últimos meses

entediara-se até o limite do que ele entendia por saudável. Em sua cabeça, talvez a única coisa boa que tinha lhe acontecido era ter comprado um novíssimo Ford T-Bird para cruzar o deserto rumo ao pacífico com seu irmão.

Devido ao entusiasmo de seu John, Ben comprara aquele carro (cor *laguna blue* ultima moda) para também entender um pouco daquela paixão. John mudara-se há dois anos morando em seu próprio apartamento deixando Ben com sua mãe, que envelhecia a passos largos. Os irmãos encontravam-se nos fins de semana, e nos últimos anos curtiam as corridas no autódromo da cidade. John revelara-se um ótimo piloto de corridas e tirara terceiro lugar em uma competição amadora. Trazia na mala do carro seu capacete e a esperança de ganhar algo no torneio de San Diego, última parada.

O deserto durante a viagem tornara-se algo espetacular que não tinha tradução alguma para as fotos que eles tinham visto antes de começarem sua aventura. Os papos intermináveis de sua infância, que haviam se perdido nos estudos, namoradas e eventos sociais da família, voltaram como se tivessem dez anos de novo.

Para Ben, o que antes fora o passar enjoado do tempo, agora se transformara em uma experiência de descobrimento a cada cidade perdida que eles passavam. O cheiro do deserto, do asfalto, do couro aquecendo-se ao sol, da cerveja e loções de bronzeamento ficaria para sempre na lembrança daquela viagem — além de seus novos chapéus de vaqueiros.

O carro já estava quase sem gasolina e a fome de Ben às quatro da tarde incomodava depois da última noite de festa. Ele esperou passar um daqueles postos com restaurantes onde

comeria uns bons ovos mexidos com o filé mais grosso que seu dinheiro pudesse comprar. John mexeu-se no assento, e tocou na aba da frente de seu chapéu, ajustando ao sol forte. Ao mesmo tempo, seu estômago rugiu como uma fera.

Ben colocou a seta para direita e foi procurando uma vaga no *Joe's Gas and Dinner*, aumentando bastante o volume do rádio e acompanhando a voz grave de Johnny Cash cantando sempre a mesma música pela décima segunda vez só naquele dia.

O restaurante era igual a quase todos os outros que eles tinham ido — um bar de cozinha aberta, com balcão largo para solteiros e mesas colocadas perto das janelas para quem quisesse comer. Os bancos eram muito confortáveis, convidando as pessoas para ficarem mais tempo comendo. A chapa dos grelhados ficava à mostra, para os clientes ouvirem seus os bifes tostarem e os indecisos serem influenciados pelo cheiro de carne sendo feita na hora. Em cima do caixa, estava um quadro com os dizeres "*NUNCA venderemos fiado!*" talhados em madeira.

John puxou mais um cigarro de sua carteira e o acendeu com uma caixa de fósforos com o nome do bar. Seu irmão comia feito um presidiário que recém fora solto das mãos do Estado.

“Como vai mamãe?”

Ben parou um pouco sua batalha com os ovos e arroz, colocando um dedo em sua boca por um momento.

“Gostava mais quando a gente só se via nos almoços e jantas. A velha não dá descanso.”

John tragou seu cigarro e soltou uma baforada para o lado.

“Eu saí em condicional. Não esqueça que existe sempre o telefone. Juro que é umas duas ou três vezes por semana que tenho de dizer o que têm na geladeira ou como vai minha carreira. Nem sempre nesta ordem.”

John olhou um pouco pela janela e então soltou uma risada alta, fazendo Ben parar de comer e perguntar.

“O que foi?”

“Me lembrei uma vez que ela teve, como se diz mesmo? Um surto. A gente ia para uma corrida de cavalos e ela voltou sete vezes para ver se tínhamos desligado tudo que era elétrico. Sete vezes! Cara... inacreditável.”

Ben deu uma risada junto. No início os dois tinham achado aquilo mais uma maluquice de sua mãe, mas o que os seguintes anos comprovaram foi uma esclerose precoce que poderia tornar-se uma manifestação de Alzheimer. Ben sabia disso, mas não iria contar a seu irmão tão cedo. Apesar das loucuras, se sua mãe não lhe ligasse, John ligaria. E ambos sabiam muito bem disso.

Ben ficara sério, mas John continuou sua risada.

“Você, Ben, futuro médico da família, também teve suas parcelas de loucuras. Ou você acha que eu esqueci o que você estava fazendo com nova empregadinha na biblioteca?”

“Isso foi a um tempão atrás” desconversou Ben, que agora apertava seu bife com o garfo sem o menor entusiasmo.

“Ora, o que foi? Vamos lá, diga-me algo maluco que eu tenha feito.”

Ben olhava agora para a janela agora como se o inverno tivesse chegado e lá fora tudo estivesse cinzento e chuvoso. Algo subiu do

estomago de Benjamim e fez um nó em sua garganta. O jovem engoliu demoradamente o que estava comendo, junto com um longo suspiro.

“O que foi?” perguntou John, um tanto desconfiado a seu irmão, cuja expressão ficou muito séria e triste rapidamente.

Ben nem tentou segurar, aquilo lhe estava entravado por muito tempo e nem cinco anos de terapia conseguiram diminuir a intensidade de sua memória. Começou a falar, em princípio em uma voz calculada, mas conforme as lembranças viam com as associações grandes pausas aconteciam e John só pode cruzar seus braços e ouvir o relato nervoso de seu irmão com uma face de completa estupefação.

Eram duas e meia da manhã de sábado e eles eram ainda duas crianças. Já faziam duas semanas depois que John teria sumido e reaparecido no Aquarium, mas Ben ainda olhava desconfiado para seu irmão, que tinha desaparecido por uma hora inteira e reaparecido como mágica na frente dele. Ben ainda podia jurar que não tinha tirado os olhos daquele maldito lugar.

Benjamim acordou com um barulho de porta abrindo e viu somente os pés de seu irmão enquanto ele saía pelo quarto. Após algum tempo, notou que estava com vontade de ir ao banheiro e tirou suas cobertas do caminho, pondo seus pés descalços no carpete. No vão até a porta, tentou desviar-se da coleção de carrinhos e de um exército completo de índios e soldados de chumbo que estavam espalhados ao chão.

Por uma mera coincidência, aquele era um dos dias em que a lua preenchia com sua luz branca todas as frestas das persianas

das janelas oferecendo uma iluminação sobrenatural por toda a casa. Com os nós dos dedos em seus olhos, Ben ajustou-se rapidamente à luz ambiente e logo seguiu o caminho de seu irmão pela porta aberta. Ao chegar ao corredor, o menino notou que a porta do banheiro estava fechada e um pouco de luz amarela escapava pela abertura da chave. Não quis esperar seu irmão e então foi indo em direção à escada. Ao tocar com seu pé no frio da madeira, voltou sua cabeça para o banheiro onde John estava e pensou consigo que poderia esperar mais um pouco. Foi devagarzinho até a porta e ajoelhou-se no carpete do corredor, sentando por ali.

Impaciente depois de algum tempo onde seu sono começava a incomodar, ele colocou seu olho perto do buraco da fechadura e pôde ver John de pé em cima de um banco, perto do espelho. John abria e fechava a boca, com os olhos muito arregalados.

E então seu irmão falou algo bizarro de sua boca.

Se Ben ainda não tinha despertado por completo, aquela fala estranha o fez quase cair sentado ao chão. Não era muito das palavras, e sim a pronúnciação que fora feita com uma total convicção, além de alguns movimentos rápidos de sua língua. Após uma série de tiques e abrir e fechar sua mão múltiplas vezes, John falou alto e forte novamente alguma outra coisa esquisita colocando um dedo em suas orelhas.

Ben empurrou um pouco a porta com seu susto, fazendo o ranger da dobradiça ecoar pelo corredor. Quando ajustou seu corpo nos pés de novo, voltou sua face à porta e viu pela fresta da abertura uma expressão de surpresa e raiva na face de seu irmão que realmente o assustou. Ben ficara tão surpreso naquele momento que poderia dizer com certeza que nunca vira traço igual no rosto de seu

irmão; correu em disparada pelo corredor até seu quarto onde se cobriu com o lençol até o rosto.

Após alguns instantes de puro terror, ouviu John descer do banco e desligar a luz, batendo a porta. Em pouco tempo veio um caminhar arrastado pelo corredor. O menino tremia de pavor e começava a duvidar se estava mesmo acordado. O lençol era de um branco transparente de seda, e pela luz da lua, Ben viu seu irmão aproximar-se de sua cama, pisando nos brinquedos de chumbo como se não existissem ali. Sua respiração aumentou quando ele sumiu do campo de visão.

“John? Isto.. é um sonho?”

Rápido como um cão selvagem, o outro menino sentou em cima de sua barriga e o lençol ficou apertado entre eles. Ben sentiu os dedos de John se fecharem em torno de sua garganta e o ar sumir. Não conseguia gritar, e entre algumas coisas ditas naquele idioma estranho, Ben pode ver John levar o dedo da sua mão direita à sua garganta e traçar-lhe um risco imaginário cortando seu pescoço ao meio. Após alguns instantes, em que os olhos dele piscaram muito rapidamente, o menino tombou no peito de Ben e dormiu pesadamente, enquanto o pequeno chorava e gemia de horror.

John ouvira tudo aquilo muito calado e com bastante atenção. Uma coisa que ele sabia era que Ben não era de mentir ou de perder tempo com coisas sem sentido.

“Você só quer me assustar, não é Dr. Stein?”

Ben ajustou-se no banco que agora se tornara um pouco desconfortável.

“Nunca te falei nada disso, pois tinha medo que você tornasse a fazer aquelas coisas de novo. Comecei a ler todos

aqueles livros e parar de freqüentar a piscina. Por anos tive medo de você, John. Lembro-me de não ter dormido direito por duas semanas. Me senti sozinho no inferno daquela casa, e não podia confiar em ninguém. Finalmente me entreguei ao colégio e para alegria de mamãe e de meus professores tornei-me o maior CDF do mundo.”

Os olhos injetados de emoção de Ben mostravam que aquele evento ainda lhe trazia muita dor, e John sentiu-se culpado, totalmente sem ação, pois nada sabia daquele acontecido.

“Eu nunca poderia ter feito isso, Benji... Nunca.”

“Está bem cara. Isso foi há um milhão de anos atrás.”

Ben colocou suas mãos no rosto, escondendo uma ligeira tremedeira em seus dedos. Depois de anos de terapia, a única certeza que ele tinha era de que escapara da morte por muito pouco, e que a crueldade daqueles olhos na penumbra da luz da lua não eram de seu irmão. Não poderiam ser. Precisava acreditar nisso com todas as suas forças. Após todo aquele tempo, aceitar este fato era a única maneira de poder continuar a conviver com John, que era tudo o que ele conhecia por família.

16

Chris levantou da cama sentindo tonturas.

A cama onde estava era muito rústica, e as paredes do quarto eram de um amarelo decadente levantando bolhas pretas nos cantos. No teto, um ventilador vagarosamente tentava diminuir a temperatura que deixava o rosto de Miller

completamente molhado. Instintivamente procurou sua arma no lugar habitual, e encontrou-a debaixo do travesseiro. Via uma fraca luz amarela da rua pelas persianas da janela e pela fresta da porta entreaberta do banheiro.

Com muita desorientação, foi lentamente se levantando da cama apontando a arma para o vão que levava à entrada do quarto. Andou de costas até a janela, e com o cano da arma baixou algumas aletas na persiana. Viu uma rua deserta, feita de paralelepípedos. Carros antigos estavam estacionados aqui e acolá; e uma charrete passou lerdamente por ali.

“Mas que porcaria...” disse ele estupefato.

Chris venceu sua tontura inicial e foi até o banheiro. Viu seu rosto e cabelos totalmente molhados. Ao passar os olhos no espelho, viu uma cicatriz do tamanho de seu dedão no ombro esquerdo. Com a arma em punho, encostou o metal frio em sua testa, fechando seus olhos e concentrando-se.

Seus olhos esbugalharam e Miller viu em um flash o tiro que dera no prisioneiro naquele subterrâneo; os pedaços de cérebro no rosto de Trenton e aquele homenzinho resvalando pela cadeira no chão sujo; ele deitado no chão do estacionamento e algo

(Kudzu.. não é... deste mundo...)

algo lhe puxando, lhe fazendo voar pelos ares e tudo ficando preto.

“Puta que pariu.”

Miller aproximou-se do espelho e olhou seu rosto atentamente. Tinha algumas olheiras maiores que o usual. Passou a mão por seus cabelos, e tocou na cicatriz em seu ombro. Mexeu o braço que antes estava inutilizado e notou que

estava perfeitamente curado. Como por reflexo, levou sua mão até o pescoço e sentiu na parte detrás de sua nuca uma saliência, como se houvesse algo inchado por ali.

“Como fui parar aqui? Como alguém pode..”

Um sinal forte como um alarme de carro tocou uma vez. Muito desconfiado, Miller voltou-se para o quarto com sua cabeça enquanto seu torso e pernas ficavam no banheiro.

Mais um toque.

Chris colocou sua arma à frente e foi se esgueirando olhando sempre para todos os lados. Notou que sua roupa estava espalhada na cadeira à frente. Outro toque. Era estranho, mas Chris podia jurar que aquele som ecoava em sua cabeça.

“Que merda é essa agora?”

A atenção de Miller agora se voltava a algumas cores que piscavam de dentro de seu casaco pendurado a um cabide, perto do pequeno rádio mexicano em cima da mesinha. Chris foi até a cadeira, vestiu seu short branco e aproximou-se do cabide com uma expressão séria. Outro toque, agora mais claro. Notou o volume dentro do bolso do casaco. Bateu com sua arma no que lhe parecia ser uma pequena bola de beisebol, mas que era dura como uma granada.

Sem pensar muito, tirou aquilo de lá. Coube perfeitamente em sua mão, e quando o alarme tocou novamente, a coisa abriu-se de dentro para fora, revelando um mostrador digital e uma seta que apontava para a janela. Aquele metal era de um polimento muito perfeito, e as peças eram de uma precisão tal que qualquer um notaria que aquilo não fora deixado por acaso dentro do bolso de seu casaco.

'Doze minutos', disse uma voz por todos os lados.

Miller assustou-se e voltou sua arma para a porta. Olhou desconfiado para o rádio na mesinha à frente, mas não tinha volume e não parecia estar conectado à tomada. Viu mais uma vez o orbe em sua mão e notou que existia um contador ali informando onze minutos e quarenta e sete segundos.

Rapidamente colocou sua camisa, mantendo a coisa em seu olhar. Conforme caminhava com aquilo em sua mão, notou que a seta dentro dele girava sempre apontando para um mesmo local. Antes de abrir a porta para sair do quarto, achou um jornal local largado à uma mesinha com um pequeno abajur. Pegou o jornal e com um dedo trêmulo tentou ler a primeira página.

"D-Dez de... Fevereiro!"

Aparentemente, tinha ficado um mês dormindo naquele lugar. O orbe tremeu em sua mão. Já tinha menos de dez minutos, segundo a leitura no estranho objeto. Abriu a porta com velocidade e correu pelo corredor, alcançando a escada. Ao chegar ao térreo do hotel, um zelador dormia descansado em sua cadeira enquanto o radinho tocava uma música típica de fronteira. Um dia já soubera um pouco de espanhol, e tentou falar uma coisa tocando com urgência no ombro do homem que fedia a cigarro.

"Ola...."

O homem assustou-se e ajustou-se na cadeira.

"Sr. Miller! Perdón, estaba a dormir..."

"No problema.. Donde esta.."

Tinha se esquecido de como se falava a palavra certa e então fez a mímica com as duas mãos girando um volante invisível.

Com agilidade, o porteiro lhe jogou seu conhecido molho de chaves e fez um sinal que tinha de ir pela porta de trás. O objeto emitiu mais um toque, e Miller o escondeu em sua calça. O porteiro já mexia em seu radinho e sintonizava em outra rádio.

Chris abriu a porta do estacionamento e viu seu *Bel Air*. Quase esqueceu tudo ao ver seu único vínculo com o passado intacto. Abriu a porta, e passou a mão pelo guidão sentindo novamente o cheiro característico de seu carro. Largou com certa apreensão o orbe em cima do painel.

“Isso aqui parece... Uma droga de... bússola?”

Entre dialogar mais um pouco com o porteiro verificando como ele sabia seu nome e aquela coisa que exibia um número que já chegava há oito minutos, preferiu o último.

O motor ligou como se ainda estivesse aquecido, porém Chris não sabia que ele mesmo tinha usado o carro no dia anterior.

**

Pelas escuras e mal iluminadas ruas do México, Chris seguiu a seta, que nem sempre correspondia com as curvas e retas das quadras. Notou que a cor da seta saía do branco para tornar-se de um verde claro, e logo após começar a piscar. Por dois quarteirões, a freqüência com que a seta piscava aumentava e agora ele via movimentação na rua, com alguns bares e

pessoas dentro de seus carros fumando cigarros e dividindo garrafas de bebidas. Naquele local, a seta parou de piscar e o orbe fechou-se se tornando novamente uma bola de aço. Chris imediatamente encostou o carro na calçada e ficou segurando-o em suas mãos, sentindo seu peso leve. Por fim, o devolveu ao painel e deixou seu corpo recostar-se no banco.

Dor; rápida como o espetar de uma agulha, entrava por seu pescoço e invadia todos os poros da sua pele. Quis gritar por ajuda, mas sua língua estava mole e fofo, como se tivesse bebido por horas. Em momentos, a dor lhe foi sumindo, mas notou que estava completamente paralisado, conseguindo mover somente seus olhos em pânico.

Um homem loiro, vestindo um terno bege e um chapéu de vaseiro branco o olhava pela janela do outro lado do carro. Com um gesto tranqüilo, abriu a porta e sentou-se ao lado de Chris. Após alguns instantes de puro horror para Chris, o homem falou com um sotaque que lhe parecia de algum país sul-americano.

“Isto é para seu próprio bem, Sr. Miller.”

Miller viu o sorriso maroto daquele moço que já conduzia um cigarro à sua boca pelo canto de seu olho. Tentou falar alguma coisa, mas a única coisa que fez foi tremer sua boca e babar um pouco, molhando sua camisa.

“Se você não chamar atenção, poderemos conversar. Saiba que posso deixá-lo aqui, desta maneira, por muito tempo. Infelizmente, tempo é uma coisa do qual não disponho.”

Não esperando alguma resposta, o homem estranho puxou um lenço e limpou a boca de Chris que salivava bastante.

“Me chame de Frank.”

Miller sentiu um formigamento passando-lhe por seu pescoço e então pode mexer sua língua novamente. Virou lentamente seu rosto e em um pânico contido conseguiu dizer, tremendo seu lábio inferior de forma quase espasmódica.

“*O quê diabos está acontecendo comigo!*”

Os músculos nos braços de Chris gritaram em fúria, mas nada aconteceu. O jovem continuou a fumar, mas com o dedo em riste falou de uma maneira enigmática.

“Sabe, a verdade sempre esteve ao seu alcance; esteve diretamente em sua cara, da mesma maneira que estou conversando aqui com você.”

O estranho homem tragou mais um pouco, girando seu pescoço e mostrando-lhe a parte detrás da cabeça com uma pequena cicatriz logo abaixo dos cabelos da nuca.

“Isto se chama *desígnio*. Através disto podemos controlar qualquer um a uma distância segura.”

O homem de terno então apagou seu cigarro no painel, mudando de posição, ficando encostado com suas costas à porta do passageiro sentando-se de pernas cruzadas no banco. Sua expressão marota sumiu vagarosamente deixando lugar a uma face muito séria. Miller pensou automaticamente que estava a frente de algum caso de loucura aguda.

Em breve mostrará o colar que fez com os dentes de sua mãe.

Frank então falou pausadamente.

“Embora você agora não acredite em mim, eu estou de seu lado. Vamos dizer que nós somos a inteligência (seu dedo

indicava o teto do carro) e gostaria de acreditar que você possa ser nosso agente em campo.”

Frank fumou mais um pouco e ficou pensativo.

“Existem coisas terríveis, muito miseráveis às quais venho perseguindo por... ora, muito mais tempo que eu poderia imaginar. A conversa que estamos tendo aqui hoje, eu já fiz centenas de vezes, em mundos melhores ou piores que este.”

“Mundos? Ora...”

“Você já esqueceu ou quer muito esquecer?”

Frank pendeu sua cabeça um pouco para a esquerda, e o sorriso maroto voltava ao canto de sua boca onde mordia seu cigarro. Naquele instante memórias voltaram novamente como a ânsia de um mal-estar.

Um disco pairando no céu, sugando-o pelos céus.

“Considere-se um dos poucos humanos que sabem de nossa verdadeira existência.”

Chris não entendia, mas sua mente saltitava pelos tablóides onde tinha visto a palavra ALIEN. Nunca gostara daquilo, preferia sempre os russos, pois a história nunca terminava com abduções, mutilação, crianças de cabeça deformada...

“Seu amigo Hober é número dezessete.”

Miller bateu com força no guidão do carro.

“*Bastardo!*”

“Tudo aquilo foi, digamos, a sua *entrevista*. Mas você viu um *Anthratti*, o que não é coisa ordinária; nem todos passam por isso.”

Chris lembrou-se que tudo ficara completamente fora de controle depois daquele dia e que suspeitara de Hober desde o início. O silêncio tornou-se pesado entre os dois. Mesmo se

lembando de tudo ele ainda achava que tinha algo errado e que de alguma maneira alguém iria abrir a porta e lhe dizer que tudo era uma brincadeira. Em frente ao carro, um jovem com uma garrafa de uísque na mão dá um tapa no rosto de uma mulher. Ela chora, com seus cabelos caídos ao rosto, segurando a bochecha e observando o outro ir embora num misto de pesar e frustração.

Frank assente com sua cabeça ao ver aquilo.

“O designio revela-se quase sempre com morte.”

Chris tremeu por todo seu corpo.

“Me deixe ir embora... e leve esta... porcaria com você.”

“Mundos como o seu são o terreno de possibilidades.”

“Voltarei para casa e morrerei recluso e em sigilo absoluto.

Você têm minha palavra!”

“Muitos mundos. Muitos designios.”

“Droga, você não está ouvindo o que estou dizendo!”

O homem que estava em sua frente, que um dia fora um filho de fazendeiro tragou profundamente e proferiu as palavras entre os dentes.

“Eles alugam os corpos Chris. Milhares deles. Oferecem a facínoras que tem dinheiro e o estômago de os usarem. Você comprehende tal crime?”

Frank aproximou-se de Chris mais um pouco falando agora como num sussurro indignado.

“Cobram pelo minuto. Imagine o que se pode fazer com um minuto dentro de um corpo designado. Tudo o que você quiser, desde uma simples depravação até..”

Miller engoliu em seco, e falou incredulamente.

“Assassinato?”

“Tudo feito à distância; o perfeito crime virtual. E eles vem fazendo isso a muito, muito tempo; e é claro, somente em mundos atrasados como o seu.”

Chris sentiu seu corpo voltar a si, e pode mover-se no assento. Mexeu suas mãos e os dedos dos pés. Sentiu-se tonto e algo se embrulhava em seu estômago. Rapidamente deu uma ré em seu carro e saiu dali, impelindo grande velocidade. Frank nada dissera, apenas voltara ao seu assento fumando seu cigarro indiferentemente.

Miller parou o carro perto de uma árvore, desceu e pôs para fora tudo o que tinha no estômago. Quando achou que tudo tinha acabado, sentiu outra golfada vindo e sujou a calçada novamente junto com a ponta de seu sapato esquerdo.

A coisa infernal está em minha cabeça!

Miller voltou a sentar-se em seu carro, fechando a porta em um estrondo. Não olhou para o lado, onde viu pela fumaça no pára-brisa que o homem de terno já começava outro cigarro.

Chris lembrou-se que foi policial. Vinte anos de detetive falaram mais alto, e ele pode voltar a conversar.

“Você não está realmente aqui... está lá (apontou para o teto do carro) são e salvo... não é isso?”

Por causa de um pequeno *flashback* provavelmente forçado por Frank da sala de onde Trenton tivera uma parada cardíaca e os restos da cabeça do prisioneiro, Miller agarrou-se com força à sua porta, onde uma nova ânsia de vômito espreitou-lhe a garganta.

“Você não é digno de me criticar.”

“Tanta... Violência...”

“Esta é só a superfície do crime. Você precisa saber o que realmente está acontecendo.”

17

Cometendo suas depravações virtuais nos corpos encomendados, com todos os tipos de crimes possíveis listados em todos os livros da lei, eventualmente os criminosos atingiram o clímax de todas as experiências possíveis usando o corpo de outra pessoa. Em um dos muitos assassinatos cometidos, a vítima conseguiu revidar e suceder em matar aquele que o agredia. O criminoso conectado pode então pode ver a vida de seu desígnio passar por seus olhos, sentir todas as memórias e emoções que uma pessoa tem durante toda uma vida em um curtíssimo espaço de tempo — algo tão poderoso e lúcido que nenhuma droga em todo o universo chegaria aos pés.

“A notícia espalhou-se rápido. Vieram os malditos colecionadores, e eles tinham milhares de vidas a escolher. Vidas como as das pessoas que você conhecia. Agradeça por estarmos aqui ajudando vocês, *homo sapiens* ainda delirando em cima de seus próprios umbigos ‘sozinhos no universo’. Enquanto temos esta conversa, outro crime foi cometido.”

O silêncio entre os dois durou alguns momentos. Chris, ainda com o gosto ácido em sua boca, deu-se conta de que não adiantava resistir. Tinha consciência naquele momento que sempre errara todas as curvas do destino e que seguiria em frente quando devia ter voltado para o caminho; não ouvira seu velho quando a estrada era larga e ainda haviam muitos retornos disponíveis.

“Posso ler você e digo que está errado. Você continua vivo, pois nunca desistiu, em nenhum momento, de saber o que tinha acontecido. Responsabilidade requer coragem, a única maneira que conheço de justiça. Mesmo beirando à loucura, mesmo depois de matar. Foi preciso muita dedicação para ter feito o que você fez. Hober estava certo, ao menos esta vez.”

Depois de algum tempo, Frank continuou.

“Esta é a verdade que você estava procurando. Estou tentando lhe dizer que é possível pegar os filhos da mãe. Já capturamos muitos e tenho certeza que você desempenhará o seu desígnio.”

Miller fechou seus olhos e segurava sua cabeça com ambas as mãos. Dentro de si alguma engenhoca deveria estar funcionando, remexendo dentro de seu cérebro, e isto lhe trazia calafrios.

“Como f-faremos?”

Frank tirou do bolso de seu paletó um fino colar negro com uma presilha diferente, algo que lhe pareceu um cristal incrustado no centro.

“Este é um *Jenntu*. Através dele, a transmissão pode ser copiada para nós e nos revelará a localização exata da embarcação onde o sinal pirata está sendo enviado. Com isso, poderemos iniciar a captura dos envolvidos. A tecnologia deles precisa estar ao menos a dez milhas próxima de quem envia. Por isso quando um tipo de radiação se manifesta podemos saber com certeza que num raio desta mesma distância algum crime deve estar sendo cometido.”

Chris falou em um tom de quase ironia.

“É preciso colocar isto no pescoço do individuo vivo, tempo suficiente enquanto vocês vasculham por eles no céu?”

“Exatamente. Note como a fita aumenta quando você puxa.”

Chris puxou aquele estranho material e depois o soltou, ficando com ele muito apertado em sua mão. Frank então apertou o cristal naquele visor e o cordão se expandiu voltando à forma original.

“Tem sido feito desta maneira desde sempre. O colecionador não pode ver a coleira, senão ele não hesitará em cortar a conexão.”

“Por quanto tempo?”

“Em geral, levam-se alguns... segundos.”

Miller colocou aquele artefato em seu bolso e olhava fixamente para frente. Frank o observava com cautela.

“Amanhã entraremos em contato.”

O homem de terno manejou o orbe e o entregou.

“Alertaremos qualquer atividade nesta área. Siga a seta.”

Chris aproximou-se de Frank e em um movimento rápido abriu a porta com violência.

“Cai fora da merda do meu carro.”

Frank nada disse. Levantou-se e caminhou para a escuridão da mata que existia ali perto. Miller virou seu rosto na outra direção quando uma forte luz branca apareceu em seu espelho retrovisor levando o homem de terno de volta.

Era de manhã. Pelos desenhos na televisão, quase onze horas. Enquanto John saía do banheiro com a toalha molhada enrolada em sua cintura, Ben segurava o capacete de corrida dele, sentindo de longe o cheiro que vinha de seu interior.

“Você vai competir com o meu carro então?”

“Essa é a idéia. Talvez o devolva com rodas, prometo.”

Benjamin torceu o rosto numa careta amarela de desaprovação.

Miller acordou logo de uma noite sem sonhos. Desceu as escadas devagar e calmamente. No térreo do prédio, enquanto pagava suas diárias conversou um pouco com o porteiro daquele hotel de quinta categoria em seu fraco espanhol, o que fez Nuñez dar algumas risadas. Do outro lado da rua existia uma pequena padaria e Chris foi até lá. Sentou-se na primeira cadeira que viu e pediu o que lhe pareceu o mais próximo de um *breakfast* na fronteira. Ao seu lado estavam velhos vaqueiros de pele queimada e olhos que já foram um dia mais escuros pelos milhares de sóis de suas vidas. Falavam naquele tom calmo, como de quem não tinha nada a esperar mais e sim aproveitar o porvir. Enquanto comia uma rosquinha, percebeu que apreciava aquela simplicidade do lugar, de como tudo aquilo era previsível; e de que aquilo era muito bom.

Porém tudo que via ao seu redor nunca seria parte da sua vida. Existia algo esquisito em seu bolso e outra coisa dentro de sua cabeça que não o deixavam esquecer. Abriu a porta do carro com uma pequena sacola cheia de rosquinhas e pôs uma xícara

de papel com café quente em cima do painel. Colocou o orbe no assento do carona e deu uma mordida no biscoito em sua mão. Dentro do porta luvas estava a estranha coleira.

Suspirou um pouco e deu outra mordida no doce.

John conduzia o T-Bird a uns desconfortáveis cento e vinte quilômetros por hora, fazendo seu irmão de vez em quando agarrar-se no suporte da porta. Por fim, Ben interrompeu o silêncio daquela manhã e puxando um assunto, falando um tanto desconfortável.

“Ei, não estamos bem perto da fronteira?”

“Sim. É possível ver os caras pulando a cerca.”

Apesar de saber que seu irmão era muito bom na direção, sempre havia uma pontinha de desconfiança, aquela sempre existente borda de precipício em sua mente onde ele evitava olhar e que fingia não existir. Enquanto isso, seu coração apertava e diminuía por dentro, com medo de qualquer momento seu mundo cair por terra. Ultimamente, a imagem que relembrara de seu irmão segurando-o pelo pescoço e a sensação de quase perder os sentidos lhe vinha com uma freqüência insuportável.

Não devia ter tirado aquelas coisas do baú.

E foi seguindo este pensamento com suas mãos furiosamente apertadas uma na outra que Ben viu John colocar uma mão em sua têmpora direita, torcendo seu nariz que gotejou um pouco de sangue, quase fechando seus olhos em um gemido de dor.

“Por favor, assine aqui e aqui, Señor Miller.”

Um outro policial o tocou no ombro.

“Señor? Acho que o seu... relógio... está tocando?”

O sorriso que instantes atrás começava a ensaiar na boca de Miller apertou-se junto com o fechar forte e abrupto da mala do carro. Deslocou-se rapidamente, sem ver os dois policiais que o olhavam apreensivamente.

Alguém está em perigo!

Miller entrou no carro e saiu acelerando forte, quase batendo na madeira com tarja amarela e preta que se elevava abrindo o caminho para América. Naquele trecho, soltou poeira e pedras fazendo um barulho de trem desgovernado. O orbe no painel apontava para oeste e estava escrito o número oito logo abaixo.

Chris endireitou o veículo para a rua principal num solavanco tal que jogou o orbe para o canto dos pés do caroneiro, e com sua mão direita tateou pela esfera.

“Oito milhas; possível conexão eminentemente”

Com o orbe de volta em mãos, Miller colocou-o de volta ao painel. Apertou o cinto de segurança, tirou sua arma do coldre e a colocou no banco do carona. Pisou no acelerador até sentir o assoalho com seu sapato enquanto segurava o volante com as duas mãos. Tinha uma expressão de quem corria com o diabo em seu retrovisor. Os doces rolavam do assento do carona para o chão indiferentemente.

Chris gritava loucamente.

“Ninguém vai morrer hoje! Já chega!”

Os pneus guinchavam a cada troca de marcha junto com um sonoro palavrão. Miller contornava as curvas com todo seu corpo sentindo seu estômago deslocar-se de uma maneira líquida e pastosa.

"7 milhas; possível conexão eminentemente" repetiu aquela voz que agora Miller não sabia se saia de sua cabeça ou da coisa em cima do painel.

19

Em princípio, tal como uma pura negação ao que estava acontecendo, Ben não olhou para John, que tinha sua mão esquerda ao lado de sua cabeça e outra no volante enquanto gritava de dor. O jovem manteve-se atento à sua frente, pois a velocidade era algo que no momento classificava como prioridade. Seus dentes estavam apertados e os pés fincados no assoalho como se pudesse frear o que estava acontecendo. Dentro de sua cabeça, uma pedra caía dentro daquele poço que estivera com suas águas paradas por muito tempo, provocando ondas de frio que afloravam em sua pele em pequenos caroços.

"Pára o carro, John! Olhe a estrada pelo-amor-de-deus..."

Tirando um pouco o pé do acelerador, o outro urrou incrédulo.

"O que tá acontecendo... Que merda é essa! Dói muito..."

O carro agora tombava desgovernado de um lado para o outro, e Ben viu que outras pessoas corriam perigo em frente.

"Esquerda! Vira p-pra esquerda cara, agora!"

Um casal desatento que estava em um quiosque comprando santinhos de estrada conseguiu escapar da morte por muito pouco. O *ThunderBird* levantou terra e poeira, destruindo metade da vendinha que existia ali, levando as estatuetinhas ao chão e outras voando por cima do capô

trincando o pára brisa, enquanto o vendedor amaldiçoava eles até sua terceira geração.

Os irmãos agora lutavam pela direção do carro em uma gritaria que Ben sufocaria de sua garganta anos mais tarde ao acordar de seus sonhos. Muito tempo depois, compreenderia que o pavor emerge, e que sua mente no presente iria jogar toda aquela loucura o mais fundo que pudesse, pois precisava ter o controle do carro imediatamente.

Podia ver pela tremedeira em todo o corpo de Jonh que logo o que ele temia iria iniciar-se; mas desta vez estavam em um carro a mais de cento e quarenta quilômetros por hora.

Miller não se lembrava quando teria dirigido daquela maneira. Carros na outra faixa lhe passavam segurando suas buzinas, irritando-o completamente.

“Saiam da merda da rua!”

E então algo que guardava em baixo de seu banco literalmente iluminou sua mente. Tinha comprado para facilitar sua fuga quando em outra vida precisaria fugir do caso Trenton. Baixando um pouco a velocidade, levou sua mão esquerda onde estava uma pequena lâmpada azul. Sorrindo, abriu seu vidro e ajustou a lâmpada no teto do carro, ligando-o tal como um carro de polícia.

Agora sim, tudo se encaixa pensou apertando o botão do pisca alerta e ao mesmo tempo sentindo toda aquela nostalgia de quando entrara para a força. Imediatamente as pessoas começaram a abrir espaço e Chris bateu o pé do acelerador novamente até o chão.

“Mostrem respeito ao homem da...”

"Conexão perdida!" disse a voz do orbe.

O orbe agora perdia sua vida e tornava-se de novo uma bola maciça de metal. Mesmo assim, Chris mantinha sua velocidade dirigindo no centro da estrada com a faixa amarela dividindo seu *Bel Air* ao meio.

Miller seguia agora pela avenida em puro instinto, mas não sabia o que iria encontrar. Pensou em Robert indo direto no muro e sua cabeça rompendo como um melão caído de algum prédio, literalmente explodido pela calçada

(Milhares de vidas a escolher, lembre-se disso Chris)

e ele no bar, já pegando sua dose e a virando naquele movimento conhecido de pescoço.

"Parem de... foder com minha mente!"

Engatou a última marcha do carro. Dirigia com seus olhos vermelhos e sentia o ódio fluir pelo suor de seu rosto e a necessidade de vingança urrando por sua garganta. Convivera com aquela intensidade de sentimentos por muito tempo, e tal como Frank dissera, aquilo perdurara por muito mais tempo que podia suportar.

Foi então naquele mesmo instante que percebeu a poeira e a confusão que rodeava um pequeno grupo de pessoas que estava em um quiosquezinho em sua frente. Pisou forte no freio abrindo o vidro do passageiro, onde um senhor de idade estava a gesticular com seu chapéu lhe indicando para seguir pelo mesmo caminho e procurar um T-Bird azul.

A face mudara, do mesmo jeito de outrora; mas agora tornara-se algo muito mais assustador, mesmo sob à luz infernal daquela manhã. Parecia John, mas não o era; quase tudo lhe dizia ser outra coisa, mas os olhos ainda eram de seu irmão e eram neles que Ben tentava manter o resto de sua lucidez que vacilava. Espasmos corriam pelas mãos dele, da mesma maneira que em suas aulas de laboratório cortara a cabeça de uma rã com o bisturi e o anfíbio continuava a se debater mesmo depois de sua morte. Por momentos que lhe pareceram eternos, Benjamim simplesmente não respirou. Seu coração torcia em seu peito e em algum lugar dentro de sua cabeça que resistia mais próximo à realidade dizia-lhe para ainda não largar o pouco do volante que ele segurava junto com o que ele passou a chamar de 'a coisa'. Tudo estava naquela velocidade lenta das coisas que nunca são esquecidas.

Aquele que fora John alguns minutos antes, estava agora com seus olhos fechados e naqueles momentos cruciais Ben conseguiu o controle da direção, voltando a respirar em uma grande golfada um tanto asmática. Corrigiu a direção do carro dando uma guinada forte para a direita impedindo uma colisão direta com uma carreta de bois.

O carro balançou forte em sua suspensão e quando Ben voltou seus olhos para John, uma mão crescia em seu nariz, acertando-o em cheio e fazendo um barulho terrível em sua cabeça. A coisa balançava negativamente sua cabeça. Olhou para seus pés e pisou com mais força no direito confirmado que era daquela maneira que a velocidade aumentava. Ben

nunca iria saber, mas a entidade que estava ali já tinha passado por mais de cinqüenta corpos, e não era realmente a primeira vez que dirigia um carro naquele mundo.

O ferimento em seu rosto lhe fez conseguir gritar alguma coisa entre a súplica e a completa loucura.

"John, oh, John... Meu Deus!"

A total indiferença da monstruosidade fez com que o jovem entrasse em prantos; rápidos e angustiados como uma criança acuada por um animal de rua. Sua camisa amarela ia ficando com uma linha rubra descendo a gola em uma gravata macabra.

Não vou conseguir pegar a direção de novo pensou cada vez mais prensado contra a porta do carro em desespero recebendo murros da coisa ao seu lado.

Um largo e velho sedan marrom dava passagem com duas meninas que estavam brincando de bater palmas no banco de trás. Ben virou-se a eles e gesticulava com suas mãos riscando um vermelho vivo no vidro para o motorista se afastar. Ao verem a ruína sanguinolenta da face de Ben, os gritos agudos infantis das crianças romperam por toda a estrada levando o velho motorista a jogar seu carro para o acostamento. Com as mãos brancas e sardentas aos ouvidos do motorista, o rosto retorcido fez com que o intelecto médico de Benjamin registrasse como um princípio de enfarto.

A *coisa-John* ergueu um sorriso maroto de quem está no controle enquanto Ben juntava seu grito junto aos outros. Pisando mais forte ainda no acelerador, o monstro falou algo naquela língua absurda...

Cale sua boca, inferior.

A gritaria fora deixada para trás da mesma maneira que um rádio é puxado de uma tomada e Ben encarava a avenida em frente sentindo o sangue verter de seu rosto, sujando o painel, seus braços e calça. O motor do carro rugia e pela velocidade com que os arbustos da paisagem passavam, eles estavam a mais de cento e sessenta por hora. Por segundos, ele achou que estava tudo perdido e que iriam bater de frente no primeiro carro que passasse do outro lado.

Ben notou uma buzina bem ao fundo, e que devia estar a um bom tempo atrás deles. Virou-se de supetão e viu quase quinhentos metros naquela enorme reta uma lâmpada azul de polícia grudada no teto de um carro vermelho que ficava cada vez mais perto, passando pelo sedan marrom que emborcava completamente no acostamento. Apesar de tudo, o intelecto de Benjamim imaginava que aquele senhor provavelmente estaria agora pedindo para sua mulher seu remédio.

O jovem virou-se novamente para John, que abria e fechava rapidamente sua boca em uma espécie de tique nervoso. O monstro falou mais uma vez, como se estivesse comentando sobre o tempo com um dedo em riste para ele.

Não se intrometa.

E então a coisa passou a ignorá-lo. Benjamim rapidamente colocou seu cinto de segurança cuidando o carro vermelho no espelho retrovisor do seu lado do carro. Finalmente ajuda! Mesmo sabendo que não seria compreendido, Ben falou a

coisa, cuspindo um pouco de sangue e assustando-se com sua própria voz.

“As coisas irão mudar agora, verme do inferno.”

21

Chris alcançou finalmente o *ThunderBird*, que já estava na pista contrária a algum tempo. Emparelhou ao lado e viu a mais ou menos três palmos próximos de si um jovem olhando-o com seu vidro ensanguentado e rosto com um corte vermelho vivo no nariz. Havia pânico sim, mas tinha uma firmeza determinada na face. Naqueles segundos, Chris entendeu tudo o que precisava: aquele moço estava na hora errada e no local errado; e o outro guiando era quem subitamente estava com uma vontade danada de sofrer um acidente fatal. O jovem ao seu lado levou sua mão direita ao cinto de segurança e fechou-a no meio de seu peito mostrando que estava bem apertado. Os dois concordaram afirmativamente com cabeça ao mesmo tempo, em um entendimento instantâneo. Miller pisou ainda mais fundo no acelerador e virou toda a direção à esquerda, acertando em cheio o eixo das rodas da frente. Todos foram direto para o acostamento, evitando o próximo poste que seria fatal.

John, que na verdade agora estava preso dentro de sua própria cabeça, observava pela janela de seus olhos o pequeno barranco aproximando-se em frente. Viu os vidros laterais quebrarem e o barulho das rodas girando livres no ar, enquanto o motor subia para uma rotação absurda. De sua garganta surgiu um grito e então viu o painel crescer diretamente em seu

rosto. Sua visão ficou em uma escuridão avermelhada pelo sol que atravessava a pele de suas pálpebras. Sentia dor, não quanto sabia que sentiria; apenas um reflexo, como uma dor de cabeça antes de começar a incomodar. Parecia estar conectado com seus sentidos, mas de forma difusa. Ouviu a suspensão do carro dar sua última chiada, e os cacos de vidro do pára-brisa deslizarem pelo seu peito até encontrarem seus pés.

O carro vermelho também fez uma aterrissagem forçada passando ao lado, quase virando de banda. Miller bateu com seu peito na direção, e o ar lhe faltou perigosamente. Após um chacoalhar tremendo, seu *Bel Air* parou de balançar. Tateou por sua arma como um velho buscária sua bengala no banco do carona, mas nada achou. No mesmo momento, uma chiadeira vinha de sua garganta, e ele achou que seus olhos iriam explodir nas órbitas de tão esbugalhados. Estava com sérios problemas!

Ben conseguiu escapar quase ileso do acidente, mas alguns pedaços de vidro lhe feriram um pouco os braços. Desvencilhou-se do cinto de segurança observando que seu irmão estava com um ferimento na testa segurando sua cabeça com as duas mãos, gemendo coisas sem sentido. Sem mais rodeios, abriu a porta. Precisava desesperadamente de ajuda, e já não sabia o quanto mais iria suportar sozinho com John daquele jeito. Ao abrir a porta, observou o outro veículo a poucos metros em sua frente, onde um homem parecia não conseguir respirar. Caminhou até lá, com as pernas bambas e tropeçando em algumas pedras que estavam no chão.

Miller ouviu passos em sua direção. Seu coração lhe batia forte no ouvido. Seu cinto estava emperrado e ele sem forças. Por fim a voz fraca e assustada do moço lhe veio pedindo ajuda.

"Por favor senhor, me ajude!"

Chris nada disse, mas pediu para ele chegar mais perto de seu ouvido. Com o pouco de respiração que lhe sobrava, conseguiu falar.

"Meu... cinto..."

O jovem então contornou o carro, entrando pelo lugar do carona. Com certa facilidade, apertou com força o botão emperrado e o cinto soltou-se. Ar entrava novamente pela bocarra escancarada do homem, e ele golfou duas vezes.

Ben falou aflito chacoalhando Miller pelo terno.

"Eu preciso que o senhor veja meu irmão! Ele... não está... bem."

Chris olhava para o jovem ainda segurando seu peito que arfava, então falou quase lhe faltando ar.

"Sou polícia. Me alcance aquela pistola ali do chão, garoto."

O jovem o olhou incrédulo e seguiu o dedo do policial até onde estavam seus pés. Ali, encostada contra a porta, estava a pistola. Benjamim pegou-a de qualquer maneira não querendo contrariar a única pessoa ali entre ele e a loucura que deixara no carro.

Ben voltou a falar, em um ritmo frenético.

"Você precisa e-entender que meu irmão está um tanto..." palavras lhe faltaram junto com aquela gagueira súbita e ele ficou com um ar de idiota, "...fora de si."

Miller ouvia o moço e cuidava com seus olhos o outro que já estava levantando de seu lugar, procurando a fenda que abriria a porta. Lentamente conferiu sua arma, ainda um pouco ofegante. Tocou em algo em seu bolso com um apertão e

voltou seu rosto ao jovem que parecia ter vindo de alguma guerra.

“Ouça isso rapaz. Eu sei o que está acontecendo, mas não temos tempo para perguntas.”

“*O quê? Mas....*”

Chris abriu a porta do carro e apontou sua arma para o outro, que já vinha cambaleando na direção deles. Tinha-o em mira e começou a falar o discurso padrão, obtido em muito tempo de polícia.

“Você aí! Volte para seu carro e coloque as mãos na cabeça!”

John tinha uma risadinha macabra em seu rosto que Miller prontamente identificou a atitude que vira muitas vezes quando estava de patrulha: *Não me importo se as tripas de alguém inocente estão espalhadas na estrada, eu só quero me divertir mais um pouco. Só mais uma maldade antes de eu voltar para a merda da minha vidinha.* Aquilo tirava qualquer um do sério; acrescente as luzes e o barulho de sirene nos ouvidos e você tem o que as excelências informam aos seus advogados de “violência policial”.

A conexão, não posso perder a conexão; ele precisa achar que vou matá-lo pensou Miller enquanto ajeitava sua mira e tentava respirar com menos dificuldade.

E naquele momento Chris então soube o que fazer.

Atirou ao lado do rapaz, furando o único pneu que ainda não tinha ainda estourado, fazendo um barulho alto que ecoou pela estrada.

“Não atira nele, ele não fez nada!” protestou Ben.

“Volte para dentro garoto, estou lhe avisando!”

De algum lugar a dez milhas dali, o colecionador percebia que a travessia ainda podia ser feita. Carregava algo escondido em sua mão onde os dois em sua frente não podiam ver. Sentia a dor em todo o corpo do desígnio, mas era algo que podia agüentar. Falou para o operador ao seu lado para não desligar a conexão e a não se meter em seus assuntos, ecoando na boca da coisa-John no mundo real, milhas dali deixando Miller e Ben atônitos com o que ouviam sair da boca do jovem.

John começou a caminhar em sua direção.

Chris pensou em tudo que acontecera e então, pedindo baixinho para que tivesse feito a escolha correta e disparou um tiro no ombro do rapaz que parecia ansioso por aquilo. Sangue voou do jovem e molhando a grama. A coisa-John recebeu o tiro e o impacto fez sua perna direita voltar um passo e girar para trás junto com sua metade do torso superior. No outro instante, a coisa já recolocava o passo no lugar, segurando o caco de vidro com tanta força que gotas de sangue escorriam de sua mão. Em seu terceiro passo estava quase em uma velocidade de corrida, preparando o pedaço de vidro para um ataque.

Ben levantou-se como um cachorro raivoso de seu lugar e pulou na direção do homem que estava parado junto à porta atirando em seu irmão.

Tudo foi tão rápido que Chris mais tarde não saberia explicar como acontecera. Sorte cega? Talvez. Estava acostumado a brandir a arma e na maioria das vezes aquilo bastava. Nunca fora muito

entusiasta de defesa pessoal, particularmente gostava de boxe; de dar e receber porrada, essa era a curtição. Recompensa? Só a chuveirada e alguns esparadrapos de lembrança, além dos dois dias acalmados com aspirina. Quando os dois jovens (um que não era mais deste mundo e o outro claramente enlouquecido) atacaram ao mesmo tempo, sua mente calculou friamente que o melhor a fazer era sair da equação no último instante e bater onde dói. Ben caiu ao chão quando Chris deu um pequeno e preciso passo ao lado; John, que empunhava um vidro que refletiu a luz do sol em seus olhos, errou seu golpe por alguns centímetros quando Chris desviou-se e lhe segurou pelo ombro ferido. No mesmo instante, sua outra mão desferia-lhe um golpe certeiro na nuca, enviando o rapaz-coisa para baixo e fazendo-o estatelar-se bem na frente de Ben naquele chão poeirento.

Ao olhar John no chão frente a frente, Benjamim soube que era a última vez que o viria. Num tempo ínfimo, a máquina do colecionador falhou, pois quem estava ali era seu irmão John, que sempre lhe ganhava no xadrez; que sempre lhe ajudou com os temas da escola; que sempre esteve sentado ao seu lado segurando sua mão enquanto os dois ouviam seu pai quebrar a casa; que no final de suas brigas de criança lhe olhava com o perdão nos olhos dizendo-lhe para esquecer. Lá estava John; e ele lhe estava dizendo um último adeus.

Rápido como uma bala, o colar saltava do bolso de Miller para a cabeça da coisa-John, desfazendo aquela pequena magia que havia ocorrido. O cristal se iluminou apertando forte o pescoço do rapaz, que quando fora menino dezoito anos atrás esteve sozinho na hora e no lugar errado.

Todos se afastaram enquanto o colecionador se levantava com horror em seus olhos movendo sua cabeça em lances rápidos e encarando os dois, que pareciam estar totalmente receosos. Lentamente tentou alcançar o colar, surpreso com a virada da situação. O cristal emitiu apenas mais uma luz e cessou, trazendo o cadáver de John de volta para o chão.

22

Chris observou em pânico o jovem tentar tudo o que sabia de primeiros socorros com o outro rapaz caído no chão, inerte como uma rocha. Apertou seus dentes contra os lábios enquanto ele fazia uma massagem cardíaca desesperada. Uma idéia terrível lhe passava pela cabeça, e por mais que tentasse evitar de pensar, cada vez mais sua lógica fria e calculista lhe dizia o que estava acontecendo.

Eles não me disseram toda a verdade.

Ben agora fungava e mantia uma de suas mãos na boca, talvez tentando conter o grito que estava preso dentro de si, lhe arranhando a garganta e embrulhando o estômago. Sabia o que tinha acontecido, mas mesmo assim lhe era impossível de acreditar. Seus pensamentos fugiam para o café da manhã, a espera por sua vez no banho, o programa de televisão que teria visto, eles discutindo a rota que iriam tomar

(o olho enchendo-se de sangue conforme o cérebro se derramava de um lado ao outro)

enquanto um corpo esfriava em suas mãos que estavam molhadas de suor e de terra suja. Pensou no capacete verde que devia estar jogado pelo banco de trás, e realizou finalmente que

não haveria mais corrida nenhuma, e que aquelas férias tinham terminado.

Terminado para sempre.

“Não! Não, não, não... por Deus, não!” o jovem gritou.

Chris puxou o garoto dali pela camisa, jogando-o na lateral de seu carro e o segurando forte pela sua camisa. Deu-lhe uma boa chacoalhada e um tapa. Duas vezes. O jovem em sua frente tornara-se um menino, chorando copiosamente com seu nariz quebrado e sanidade derrapando pelo abismo de terror em sua cabeça.

O único objetivo era só pegar o filho da mãe; somos totalmente dispensáveis pensou Miller com muita resignação enquanto tentava contato com os olhos do rapaz.

“Já chega, ele se foi!”

“Seu.... *bastardo desgraçado!*”

O ex-policial recebeu um chute inesperado em sua canela, e os dois caíram no chão lutando como cães. Miller recebia os socos do rapaz sem alterar aquela face de consternação, pois agora sabia que aquela coleira devia matar o quem a estivesse usando.

Mas os olhos de Miller ficaram muito abertos e ele adotou aquela cara de paisagem, fazendo Ben parar automaticamente de bater em seu rosto.

Aqueles mesmos olhos, omeudeus!

O rapaz levantou suas mãos para cima em um susto, como se rendesse. Algo estava dentro da cabeça de Miller e ele ouvia Frank dizer rapidamente, quase uma frase se atropelando em cima da outra.

Bom trabalho Chris, mas...
Tivemos problemas...
Isso acontece às vezes...
Eles são tão maus perdedores...

Tudo voltou ao normal. Miller piscou e olhou o jovem estupefato em cima de seu peito chegando quase à loucura.

“Ainda estamos em perigo... Não acabou ainda.” disse Chris.

O jovem levantou-se e os dois se recompuseram. Olhavam-se como se a briga ainda não tinha acabado, mas mantinham uma distância segura, um pouco ofegantes.

“Olhe garoto, se está para acontecer o que eu penso que vai acontecer, estamos em uma grande enrascada. Vamos ter de cooperar para sair dessa.”

“Que merda que vocês fizeram com meu irmão!”

O policial viu no chão uma carteira marrom. Agachou-se, e viu a foto com o nome do rapaz em sua frente.

“Benjamim, antes de tudo tente entender que o que aconteceu ao seu irmão já aconteceu com outras pessoas. Você não ia acreditar no que eu passei para estar aqui com você no meio de toda essa merda.”

Miller tirou de sua carteira as fotos de seus protegidos, e foi se aproximando dele, com sua mão pedindo calma.

“Olhe, veja estas fotos. Estes aqui são Robert, Quinci, e Terry.”

Ben esticou seu braço e pegou as fotos.

“Perdi todos eles. Estes e muitos outros são meus... amigos. Um por um eles foram morrendo em situações...

estranghas, e eu acredito que seu irmão tinha o mesmo... destino.”

Um silêncio demonstrou certo entendimento pela parte do jovem, que andava de um lado ao outro.

“Qual o nome dele?”

“Era J-John.” disse Ben aflito.

“Meu nome é Chris (mostrou a velha identidade policial). John iria bater o carro para morrer Ben, e você teve sorte de isso não ter acontecido. É um absurdo aceitar isso, mas eu sei que ele ia fazê-lo. Veja, este aqui (apontou para Robert) nem sabia dirigir quando encontraram seu carro destruído em um muro. John nunca teve mudanças completas de comportamento? Nunca lhe tentou agredir, como se fosse outra pessoa?”

A boca de Ben tremia, e ele quase sentiu uma pequena mão avançar mais uma vez em seu pescoço. Sentiu frio e medo naquele sol escaldante do deserto.

“Como se fosse.. um monstro?”

Um barulho ensurdecedor de máquina começou a encher os ouvidos dos dois, que se olharam desconfiados. Suas cabeças viravam para a estrada, para os carros e para o jovem morto no chão. O ruído aumentara a tal ponto de eles não ouvirem mais sua respiração.

Um avião a jato, que nenhum dos dois conheceu, passou perto por eles e muito próximo do chão. A distância era tão próxima que Chris achou que vira o piloto apontar para eles lá em cima. Os dois, com suas mãos nos olhos por causa do sol, observaram o avião fazer uma manobra para a esquerda e depois para a direita em uma volta muito fechada. Eles

acompanharam a curva com o corpo, girando nos calcanhares e olhando sua trajetória. Viraram uma meia volta completa de onde estavam. O caça agora vinha em sua direção e Miller pegou Ben pelo braço virando-o para onde ele sabia que alguma coisa iria acontecer.

Algo grande e reluzente, pegando fogo por quase todos os seus lados simplesmente apareceu no céu, como se um manto azul lhe tivesse sido removido. Com o contato visual, o caça disparou um míssil, largando uma fumaça preta no céu. Os dois acompanharam o artefato ganhar velocidade e atingir o alvo, produzindo uma grande explosão no lado direito da coisa, que nem se mexeu. O avião então começou a disparar sua metralhadora; Ben e Chris levam suas mãos aos ouvidos enquanto traços vermelhos incandescentes cortavam as nuvens. Porém algo estava errado: aquilo estava aumentando de tamanho rapidamente. O avião fez mais uma curva para a direita e então com um frio em sua barriga Miller entendeu que aquela monstruosidade de metal estava mesmo caindo.

Caindo direto em cima deles.

Miller deu um empurrão no garoto e gesticulou que eles tinham que cair fora dali no meio de todo aquele barulho ensurcedor. Bradou sua arma rapidamente, ordenando que ele entrasse no carro. Se por um momento tinha perdido o outro garoto, aquele rapaz em sua frente seria sua responsabilidade, mesmo se ele não quisesse; mesmo se tivesse que carregá-lo dali chutando e berrando.

Ben levantou suas mãos enquanto Chris o empurrava até o lugar do carona, colocando-lhe o cinto e lhe apontando o dedo.

“Fique aqui!”

Miller correu pela frente do carro, e entrou em sua porta. Girou a chave e depois de duas tentativas o motor pegou. Uma sombra já se pronunciava e corria rápido pela grama. A massa de metal que pegava fogo já aparecia pela janela de Miller, e em uma afobiação ele acelerou tanto que as rodas de trás rodaram em falso, escapando grama e areia para trás.

O rapaz, que já se acalmara, gritou perto do ouvido de Miller.

“Solte um pouco o acelerador. Assim não sairemos do lugar!”

Chris então soltou um pouco seu pé sentindo-se estúpido, mas o carro pulou para frente bem no momento em que a sombra já atingia seu rosto. Os barulhos de explosões estavam fortes e eles já nem ouviam mais o avião. O carro sacolejava e os dois pulavam de um lado ao outro com o carro completamente na sombra.

Foi então que houve um zumbido diferente. E quando o som estranho acabou, o carro morreu no mesmo momento; e tudo que passava naquela estrada num raio de dez milhas desligou-se. Pessoas saíram de seus carros na estrada e olhavam para cima, apontando estupefatas para o que em princípio achavam ser um meteoro.

Miller girou a chave e nenhuma resposta. Olhou para o rapaz que já abria a porta, e ele fez o mesmo. Tinham se movido uns duzentos metros de carro, e a coisa no céu já era de um tamanho descomunal, algo em torno de duzentos metros de uma ponta a outra. Tinha uma aparência metálica e um tanto discóide. Explodia por todos os lados. Um rugido de metal e o

calor das chamas já lhes atingia pelas costas. Naquele ponto, o sol desaparecera por completo para eles.

No auge do desespero e correndo o máximo que podia, uma parte silenciosa porém consistente de Benjamim pensou que a vida não podia ser só isso. Ben conseguiu começar a aceitar a morte de seu irmão, e esperava que ele estivesse bem em outro lugar, não preso mais no que ele estudara e sabia ser não mais que uma máquina: o corpo humano. Quando a coisa do espaço atingiu o solo, uma onda de impacto varou o chão onde os dois ainda corriam. Camadas na terra abriam-se escavadas pelo disco, e um enorme buraco foi se pronunciando com um barulho terrível de deslocamento. Os dois gritaram em pânico, caídos na terra fofa enquanto o chão vacilava e tudo se movia para baixo. Uma fumaça densa bloqueava o sol, e o cheiro forte de queimado doía em suas narinas. Ben alcançou a mão de Chris e eles conseguiram ficar parados ali, observando a massa de metal queimar e adernar dentro na terra na frente de seus olhos.

23

Quando tudo acabou, a cratera devia ter no mínimo meio quilômetro de fora a fora, com mais de vinte metros para baixo da terra, tal como um prédio de três andares para baixo. Miller gritou para o outro, achando sua voz esquisita.

“Jesus Cristo! Olhe o tamanho dessa porcaria.”

Ben falou rapidamente, apontando para o carro emborcado na frente da cratera, com uma roda já na mesma terra fofa que eles estavam.

“Não podemos ir embora, o carro está quebrado.”

“Podíamos tentar o seu carro.”

“Não, o radiador estourou. Tinha muita fumaça quando batemos.”

Os dois sentados olhavam-se assustados. Ben continuou gritando.

“E se algo sair de dentro disso?”

Chris não soube responder.

**

Em uma base aérea do Novo México, Hober aguardava confirmação com o fone em seu ouvido sentado na parte de transporte de um helicóptero protótipo, ainda em testes para uma possível guerra na outra parte do mundo. Cinco outras aeronaves estavam lado a lado, com muitos soldados carregando algumas caixas de jipes. Seus uniformes verdes possuíam além das três faixas amarelas normais, mais uma faixa azul.

Hober começou a gritar com seu piloto.

“Temos de aguardar um possível EMP. Temos uma interferência em andamento! Localização possível em vinte milhas de Los Andalejos. Bem aqui nessa posição...”

“Seis minutos!” berrou o piloto de volta depois de calcular em cima do mapa uma triangulação possível com uma régua especial de cálculo.

No bolso de Keelix havia outro orbe onde mostrava a localização exata de Miller. Podia ver uma imagem de toda a área, e dois pequenos pontos que eram Chris e outro possível sobrevivente.

A pelota de metal vibrou e tornou-se vermelha.

Uma luz acendeu no painel do piloto. Hober colocou o enorme *headphone* em sua cabeça e ouviu a central falar em seu tom quase indiferente.

“Alvo atingido. Retornando para base.”

Hober tocou seu piloto no ombro.

“Temos confirmação! Vamos embora!”

**

Pelo vidro da frente do helicóptero e viajando a mais de trezentos quilômetros por hora, Hober podia ver a estrada e as pessoas fora de seus carros muito assustadas. De um carro marrom grande à deriva na estrada, havia um senhor estirado no asfalto enquanto muitas pessoas acenavam pedindo ajuda. Outras mais a frente apontavam para a grande fumaça no céu.

Hober acionou o mecanismo de rádio.

“Unidade cinco, temos problemas civis adiante.”

“Sim, General.”

“Outras unidades, prosseguir com alvo.”

Conforme os outros quatro helicópteros passaram por cima das cabeças das pessoas da auto-estrada, o último diminui drasticamente sua velocidade e foi manobrando pela estrada até achar um lugar onde tivesse espaço para uma descida. Os soldados preparavam-se para sair, e cada um tinha duas maletas; uma com o símbolo de primeiros socorros, e outra com componentes eletrônicos.

Algumas pessoas receberam os soldados em uma pequena confusão, e o senhor ao lado de uma Caravan marrom parecia estar tendo uma parada cardíaca. Uma mulher com duas

crianças em seus braços começou a soluçar em frente ao primeiro soldado que pisara em terra.

“Dois garotos quase nos bateram. Um deles estava.. Oh Deus, era muito sangue.. Por favor, faça alguma coisa!”

Um médico logo apareceu e ajoelhou-se no chão, prestando uma massagem cardíaca no senhor que enfartava. A mulher sentou-se lentamente no asfalto que agora machucava e queimava seus tornozelos, porém aquilo quase não incomodava perto dos gritos das crianças ao lado apontando para o céu.

As pessoas cruzavam seus braços em defesa. Alguns estavam muito nervosos por seus carros que não funcionavam mais. Outros, que tinham visto melhor o que caíra no céu estavam silenciosos e muito mais assustados.

Os soldados espalharam-se na pequena multidão que os seguia na massa de carros separados a mais ou menos vinte metros. Muitos perguntavam o que estava acontecendo, e conforme os soldados abriam o motor dos carros e trocavam uma peça especificamente elétrica, respondiam com uma frase padrão.

“O meteorito libera uma descarga elétrica forte quando cai. Por isso seu carro estragou e estamos trocando esta peça. Toda essa área deve ser evacuada por causa de radiação eminentemente. Prossigam imediatamente para fora desta estrada.”

Um senhor que estava com binóculos na mão falou a sua esposa com a maior certeza possível.

“Isso não é... um meteorito!”

Chris e Benjamim viram os helicópteros fazerem uma volta por eles, claramente em um círculo grande onde a cratera situava-se bem no meio. Um a um foram se aproximando do solo e de onde eles estavam claramente se viam os soldados com armas pesadas descendo e mirando diretamente ao disco que queimava três andares abaixo. No helicóptero mais próximo deles, um oficial desceu pela porta do piloto e Chris pode ver quem era. Trajava um uniforme de guerra e com uma pistola ao lado de seu quadril.

Hober aproximou-se deles com um soldado em seu lado, que apontava seu rifle diretamente em Ben. Chris fez um cumprimento relutante à Keelix, que parecia satisfeito.

“Bom trabalho, Miller.”

Benjamim levantava suas mãos enquanto olhava em pânico para Chris, que agora balançava negativamente sua cabeça.

“Deixe o guri fora disso. Ele perdeu seu irmão agora a pouco.”

O general tirou o orbe do bolso de sua calça e fitou os olhos de Chris.

“Você irá aprender como usar esta coisa em tempo.”

Com um aperto em uma fenda ao lado, quatro pequenas hastas de metal abriram-se do orbe, e conforme Hober aproximava aquilo da testa do rapaz, Benjamim encolhia-se ao chão.

O soldado apontou o rifle diretamente no rosto do rapaz, o empurrando um pouco.

“Não se mexa. Mantenha suas mãos à vista.”

Keelix encostou o orbe na testa de Ben, e poucos segundos depois a pelota de metal tornara-se azul.

“Você está livre.”

Hober virou-se e rapidamente colocou o artefato na cabeça de Chris. O orbe brilhou e sua superfície tornou-se de um forte vermelho com um sinal sonoro de alerta. Com um rápido movimento de mão, tirou o rifle do soldado que já se encaminhava ao rosto de Miller.

“Você já está adequado na nova diretriz. Mas já deve ter percebido isso. Céus, eu não queria estar em sua pele.”

Muita movimentação nos outros helicópteros enquanto as caixas eram retiradas e colocadas ao chão. Com um rádio em mãos, Hober ordenou.

“Rápido pessoal. Não queremos mais confusão por aqui!”

As caixas foram abertas e grandes cristais perfeitamente hexagonais foram colocados em cima de uma base de metal cinza. As pedras começaram a levitar e a adquirirem contornos de energia verde enquanto oscilavam para cima e para baixo.

“Estamos sugando a energia do reator deles. Poderiam nos sabotar e explodir toda esta área.”

Uma placa de aço é ejetada do disco liberando uma cápsula de escape em grande barulho. Todos observam a pequena embarcação subir vinte metros no ar e começar uma parábola em descida. A pequena nave colide com o chão e de seu casco um sulco na terra é logo feito em grande velocidade. Aos gritos de Hober, os soldados começam a atirar. O general pegou Chris pelo braço e os dois começam uma corrida até trecho escavado pela cápsula que continuou avançando

até colidir com o muro de um motel de estrada, quase dois quilômetros dali.

Keelix pede a Miller então que peque seu orbe. O piloto já abre a porta do helicóptero para o general enquanto o rotor acelera. Rapidamente Miller se junta aos outros soldados na área de transporte. Uma metralhadora de grande calibre fixa ao lado dá a tonalidade da gravidade do assunto. Conforme o helicóptero ganha altitude, Miller observa Benjamim com as mãos em seus bolsos vendo distraído o disco queimar ao chão enquanto um cristal ao seu lado preencher-se de um brilho verde.

**

O muro do motel não resistiu muito bem ao impacto da cápsula. Tanto que os soldados invadiram pela mesma fenda, que de tão grande era como uma nova entrada, mas o que aqueles soldados viram lá dentro era um cenário de extermínio. Pessoas com roupas de banho dilaceradas com buracos que atravessavam seus corpos do tamanho de grandes laranjas. A piscina tinha um tom rubro, e havia sangue por todos os lados, salpicado nas paredes e no chão. Eram mais de vinte cadáveres naquele lugar. De um casal que parecia estar deitado a beira da piscina percebia-se somente a metade da cabeça do rapaz em um corte de meia lua; a mulher tinha perdido uma das pernas em uma enorme poça de sangue. Seus olhos estavam abertos, olhando direto ao sol. Um soldado os fechou em respeito, com sua metralhadora em punho.

Hober, que ajudou Miller a passar pela entrada de tijolos quebrados, balançava negativamente a sua cabeça. Os soldados voltaram seus olhares para ele e ele fez os sinais indicando grupos de três para vasculhar todo o hotel.

Chris sentiu uma náusea e desviou seu olhar. Hober atravessou a piscina e quando voltou seus olhos, Miller estava com o orbe em suas mãos parado olhando para todos os lados. Uma pequena pressão em seu crânio e a voz de Frank veio em sua mente.

Aperte o visor no centro e pressione a seqüência 4-5-8-9 onde os números aparecem.

Depois de fazer o que Frank dissera, Chris voltou seus olhos à Hober que o olhava estupefato.

“O quê está acontecendo?” sussurrou Keelix.

Miller apontou para um apartamento no meio de um corredor na frente deles. Sua voz estava desconcertada, pois seus olhos viam um misturado de vermelhos, laranjas e amarelos atravessando as paredes.

“Ele está lá. Posso ver sua... silhueta de calor. Está mirando para a porta.”

Hober mirou seu rifle ao apartamento enquanto Miller ia pelo outro lado. Após desviarem de muitos corpos, eles ficaram juntos à porta, agachados.

Chris apertou seus olhos e tremeu um pouco. Ouvia uma voz lhe dizendo para interceder junto a Hober.

“Frank... Ele disse que quer o prisioneiro.”

“Esta é nossa jurisdição! Estamos em interferência!”

Miller vacilava e Hober teve de segurá-lo para não cair ao chão.

“Ele disse... que em ações conjuntas não existe jurisdição.”

Hober apertou o ombro de Chris em raiva.

O sorriso inesperado de Miller fez Keelix retirar sua mão assustado e falar com seus dentes cerrados.

“*Frank, seu filho da puta...*”

“Sem nosso prisioneiro, vocês perdem acesso ao disco. Que tal agora, humano?”

Frank tocara em um ponto sensível e após um breve duelo de olhares, Hober entregou os pontos baixando sua cabeça e indicando o local do invasor com uma mão aberta. Miller voltou a si levando sua mão diretamente à têmpora esquerda.

“*Deus... Isso é uma droga!*”

A porta e a parede inteira explodiram. Hober e Miller rolaram para o lado no meio da chuva de pedaços de concreto e madeira. Os soldados do outro lado começaram a atirar freneticamente.

Keelix gritou uma única vez.

“Cessar fogo!”

Miller estava deitado ao monte de reboco e pedaços de tijolos. Sentia-se mal, com uma forte e momentânea náusea. Os tiros cessaram e Frank então falou mais uma vez por sua boca. Ninguém exceto Chris compreendeu o conteúdo da conversa, pois seu cérebro estava sendo usado como mediador.

Frank falou com bastante convicção por Chris.

“*<Aqui é a Lei e esta será sua única chance de não ser capturado pelos habitantes locais. Suas ações criminais neste mundo violam o acordo de não influência em civilizações em desenvolvimento.>*”

Uma voz surpreendentemente jovem respondeu.

“<Mas eu fui enganado! Eles me disseram que era tudo realidade virtual.>”

Frank voltou seus olhos à Hober, que já preparava seu rifle, por fim falou novamente à entrada em ruínas do quarto.

“<Eu devia deixar você ser dissecado vivo, fedelho. Guarde suas mentiras para o tribunal.>”

25

Um soldado perto da borda do disco olha por todos os lados e então toca no ombro de outro que observa mais de perto o funcionamento do cristal.

“Onde está o garoto?”

O silêncio agora no motel era completo. Uma lasca de tijolo rolou dos pés de Miller até a piscina, parando junto à cabeça da mulher que parecia ser um espectador macabro de toda aquela loucura.

Frank falou mais uma vez.

“<Entregue sua arma. Faremos sua ascensão se houver cumprimento destes termos.>”

Um cilindro de metal afunilado na ponta onde pela outra extremidade parecia ser o encaixe de mão foi jogado pela enorme abertura na porta. Frank foi até lá, segurou o artefato, e após alguns momentos à arma subiu aos céus. Um quilômetro acima, um *Anthratti* pairava em modo semi-visível.

Miller olhou para Hober e falou com certa calma.

“Ele se entregou. Somente nós dois iremos entrar e fazer a prisão.”

Os soldados foram se aproximando das ruínas do local. Chris entrou no quarto seguido logo por Hober.

Miller voltou a sentir seu peso nas pernas e sua visão deixara de ser embaçada. Parecia antes que estava suspenso, vendo tudo de longe. Seus olhos se depararam com o prisioneiro e ele ficou confuso, pois parecia alguém um tanto magro com uma roupa escura e usando um capacete preto. Tinha suas mãos levantadas ao alto. Ele conseguiu contar quatro longos dedos e um dedão um pouco mais separado que o normal. Aparentemente a natureza não era tão diferente assim em outros mundos.

O general lhe encarava e olhava desconfiado, porém Miller o respondeu de imediato.

“Estou bem. Apenas... cansado.”

Imediatamente o telhado começou a ser sugado pela nave acima, toda a estrutura gemeu, e parafusos e pregos se soltavam junto com gesso e um pouco de cimento. Telha por telha foi sendo puxada e jogada para cima cindo ao lado. O céu azul foi se pronunciando aos poucos naquela sala escura.

O invasor virou-se e todos recuaram.

Mais uma vez, aquela língua estranha foi proferida e os soldados todos engoliram em seco, como se um demônio tivesse invadido uma assembléia de religiosos.

Keelix voltou sua atenção aos soldados atrás de si e então não moveu nenhum músculo pois Benjamim estava lá, sujo dos pés à cabeça com sangue, barro e agora uma nova camada de pó de tijolo.

A enorme pistola Magnum do general era erguida com as duas mãos. O estouro logo em seguida foi quase ensurdecedor. O invasor foi jogado para trás, e uma substância amarela criou uma pintura abstrata na parede do quarto. Aquele corpo magrelo foi escorrendo até o chão.

Hober não pode esconder um sorriso de Miller que já tremia novamente. Minutos atrás enquanto todos olhavam a cápsula subir aos céus, o jovem não pensou duas vezes e lhe roubou a arma. Pela sujeira em todo seu corpo devia ter corrido e rastejado dentro do buraco feito pela cápsula no solo.

Frank começou a gesticular em frente ao corpo.

“Ele era prisioneiro! Se entregou por todos os termos!”

O general amassou o cigarro com a bota.

“Um civil, não militar, é quem genuinamente defendeu a pátria. Segundo as regras acordadas, isso isenta o corporativo de entrega do subjetivo vivo.”

“É a sua arma. Você trapaceou.”

Os soldados tiraram a arma de Benjamim, que foi devolvida à Keelix.

Frank olhou Hober em desafio.

“É esta sua palavra final?”

O general olhou para seus homens e falou com autoridade.

“Alguém teve que dar um basta nesta situação. E aquele garoto ali é quem teve as bolas para fazer o que é certo. O que tivemos aqui hoje foi justiça, mesmo que você venha do outro lado da galáxia.”

Após um breve momento, Chris então deu um inesperado soco no general.

Chris então ouviu a voz de Frank, enquanto segurava sua mão que doía. Hober limpou o sangue de sua boca com um sorriso.

“Frank disse que vocês estão acertados agora.” disse Chris.

O general deu uma risada, enquanto Ben aproximou-se junto com muitos outros soldados que queriam ver a coisa mais de perto. Keelix apertou a mão de Benjamim entusiasticamente.

“Bem vindo à força especial, guri.”

Ben terminou seu cumprimento respeitoso ao general. Chris lhe oferecia também sua mão. Ambos concordaram com a cabeça, conforme se cumprimentaram. Eles tinham sobrevivido a loucura de tudo aquilo.

Mas os olhos de Ben voltaram-se rápido para a coisa cujo sangue amarelo ainda escorria da parede. Do peito da criatura, existia um furo do tamanho de uma moeda pequena. Seu braço estendeu para remover o capacete quando Hober rapidamente segurou sua mão.

“Não tão rápido, rapazinho.”

Bem subitamente alterou sua voz em raiva.

“Eu *preciso* saber.”

Keelix acendeu um cigarro o segurando apenas com seus olhos. Ao todo existiam vinte homens em volta do invasor. O general olhou para Miller ajoelhado ao lado de Benjamim naquele chão; aparentemente o policial também precisava ver o que havia debaixo da máscara.

Hober começou a falar e todos ouviram.

Não fazem mais de seis meses que recebemos de Frank uma dica para um local no Alaska onde eles estavam possivelmente construindo uma versão terrestre para a emissão mental, com alcance dez vezes maior, sem necessidade de discos. Como sempre, chegamos atrasados e eles já tinham percebido que iríamos vir. Mas eles deixaram aparentemente um deles lá, talvez um técnico que não conseguiu sair a tempo. Aquele filho da mãe matou mais de cinqüenta de nossos rapazes, usando uma mesma arma que este infeliz aqui. Foi então que usamos gás. Três dias depois descemos até lá, e encontramos o filho da puta deitado no chão sem um de seus braços. O cheiro era terrível. Eu mesmo vomitei depois de dois minutos lá dentro. Ainda não sei se o filho da mãe não comeu seu próprio braço.

Um de nossos novos agentes, James Deveraux, em sua terceira missão ficou curioso e removeu a máscara. Depois do terror inicial, olhou mais de perto e a coisa pulou em sua cara, mordendo seu nariz e rasgando lentamente seu lábio superior com a fúria de um jaguar. Eu... Não pude fazer nada, congelei. Até hoje tenho pesadelos com a porcaria. Enfim, um dos soldados tirou uma faca e esfaqueou a coisa em sua costas mais de vinte vezes até parar. Era como num destes filmes de terror. Suas mãos e rosto ficaram amarelos, tal como essa parede.

Deveraux desfigurou-se, perdendo sua língua e nariz. Seu rosto tornou-se como uma rosa aberta de sangue. Não sabíamos se chamávamos o médico ou lhe dávamos um tiro de misericórdia. Mas não precisamos fazer nada, pois aparentemente o sangue deles é

tóxico. Tanto James como o corajoso soldado morreram minutos depois em convulsões.

Naquele silêncio que veio depois do relato do general, o rádio na costas de um soldado emitiu um aviso. Keelix pediu ao soldado que se aproximasse.

“Reator foi retirado com sucesso pelos amigos. Todos os invasores foram escoltados para fora do local do acidente.”

Keelix puxou o fone e falou.

“Aqui é Hober. Mande a unidade dois para nossa posição.”

O general sacou sua arma e apontou para Chris que já alcançava o capacete.

“Não cometa este erro.”

Miller virou seu rosto para Hober.

“Já aprendi a conviver com eles.”

Chris apertou duas fendas enquanto Keelix e todos os soldados miravam na criatura. A pedido de Chris, Ben foi até lá e removeu em um movimento rápido a máscara de metal. Miller deu um passo para trás e Hober engatilhou sua arma.

Todos viram os dentes do maior crocodilo do parque.

Sem dúvida os olhos grandes eram pretos que nem piche e a pequena boca um pouco aberta mostrava alguns dentes agudos. Não tinha nariz algum ou muito menos ouvidos visíveis. Em seu pescoço havia duas fendas que encaixavam perfeitamente com as arestas do capacete, parecendo gueiras de um peixe. Miller notou a cor cinza predominante que todos os tablóides referiam-se.

Ben viu um maldito tubarão do espaço que comera seu irmão.

Enquanto Chris estava na cabine telefônica do posto de gasolina, Benjamim observa a estrada. Naqueles instantes de reflexão, os mistérios e a aventura que ele e seu irmão tinham planejado não ocupavam mais sua cabeça, e por um longo momento ele odiou o deserto com todas as suas forças — até seus olhos se concentrarem na estranha esfera de metal em cima do painel. O jovem esboçou um meio sorriso no meio do mar de dor em que se via, mas de alguma forma Benjamim sentia uma espécie de alívio por saber a verdade. Sabia também que sua vida agora tinha um desígnio concreto, e que aquilo lhe era suficiente no momento; com certeza não deixaria barato o que fizeram com sua família.

Chris desligou o telefone e entrou no carro alugado parecendo calmo e em paz. Puxou um cigarro oferecendo outro ao garoto, que o aceitou de imediato.

“Quarta é noite de sinuca, sem desculpas.”

O homem girou a chave enquanto ouviu o rapaz ao lado falar com certa malícia.

“*Isso será péssimo para minha carreira.*”

* * *